

NÃO SE VENCE A NATUREZA



Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto
Data: Novembro 2014
ISBN: 978-989-98248-6-7

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Faculdade de Ciências Humanas – UCP
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

S.A., *Comédia intitulada Não se Vence a Natureza*, cópia de António José de Oliveira, 1784 [BNP, COD. 1383//5].

Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/23968/3/#/0>.

SOBRE O TEXTO:

Esta comédia de três actos, e em verso, da qual, até ao presente, não se conhece qualquer publicação, não apresenta informação de autor, sendo mais uma cópia autógrafa de António José de Oliveira, prolífico escriba de teatro da segunda metade do século XVIII. Contudo, no Fundo da Real Mesa Censória (Livro 5, f. 179v; Caixa 21, doc. 16), no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, existe registo de um requerimento de António José de Paula, figura polifacetada do teatro português enquanto autor, tradutor, intérprete e director, solicitando licença para a representação desta comédia. Aventamos, então, o seu nome como possível autor/tradutor. Um dado curioso acerca do texto é a acção desenrolar-se em Ferrara, a que acresce o facto de os nomes das personagens, Aurora, Roberto, Silvano, etc., também não desmerecerem de uma apenas conjecturável ascendência italiana. A intriga é essencialmente amorosa, centrando-se nos obstáculos que os enamorados, Carlos e Aurora, enfrentam, os quais assumem pontualmente contornos tão trágicos que justificam o impulso suicida de Carlos numa cena do último acto. O eixo cómico, ainda assim igualmente dominante, é assegurado pela acentuada rusticidade da personagem Silvano, que é aqui explorada até às últimas consequências de modo a fazê-la coincidir com uma imbecilidade exorbitante. O contraste entre Carlos e Silvano é enorme, com o primeiro a enunciar longas tiradas líricas e o segundo a asneirar em todos os sentidos, proferindo falas tão escandalosas quanto descabidas. A primícia geral que subjaz a esta comédia vai em sentido oposto à ideologia do *bon sauvage* de Jean-Jacques Rousseau: nem sempre o que é natural é bom e melhor, e, pelo menos em certos casos, a sociedade, a cultura e o ensino de nada valem perante uma natureza menor, como é a de Silvano.

COMÉDIA INTITULADA
NÃO SE VENCE A NATUREZA
(1784)

COMÉDIA INTITULADA *NÃO SE VENCE A NATUREZA*

PESSOAS:

ROBERTO, *feitor de uma quinta do duque de Ferrara;*

CARLOS, *tido por seu filho;*

SILVANO, *tido por filho do duque;*

D.^a AURORA, *sobrinha do duque;*

D.^a FELIZARDA, *sua prima;*

ESMERALDA, *criada que serve em casa de Roberto;*

LEOPOLDO, *duque de Ferrara;*

ALEXANDRE, *duque de Urbino;*

Um mestre de dança;

Dois criados, e um deles fala;

TARTUFO, *criado do duque.*

Copiada aos 1 de Junho de 1784.

ACTO 1.º [1]

CENA 1.ª

Campo na vizinhança do palácio da quinta.

CARLOS e SILVANO com vestidos camponeses, e depois ESMERALDA.

CARLOS: Não te posso tolerar!

Que queres? Deixa-me, indigno!

SILVANO: É coisa de teu proveito,
quero deixar-te moído.

CARLOS: Bem o estou, tendo um irmão
néscio, e de pouco juízo.

SILVANO: Pois, selvagem... Só tu queres
ser nesta casa entendido!

Também, quando é necessário,
sei falar em crespo estilo.

CARLOS: Cala-te, ou não deixarei
teu arrojo sem castigo.

SILVANO: Se não queres vinte murros,
bem podes calar o bico.

CARLOS: Que hás-de fazer temerário?

SILVANO: E tu que farás?

Sai ESMERALDA.

ESMERALDA: Que é isto?

Sempre hás-de estar ralhando,
raivosos e mal unidos?

SILVANO: Esmeralda, meu irmão [1v]
é louco e tem pouco siso.

ESMERALDA: De que nasce esta discórdia?

CARLOS: Do seu costumado vício
de vir sempre como néscio
ralhando pelo caminho.

SILVANO: Ralho, porque não aturo
os seus grandes desvarios.

ESMERALDA: Que trazeis vós da cidade?

SILVANO: Eu trago o que me é preciso;
porém, ele não traz nada.

ESMERALDA: Não traz nada?!

SILVANO: Assim me explico:
Pois da lenha que vendeu,
gastou o dinheiro em livros.

ESMERALDA: Em livros?

SILVANO: Nem mais, nem menos.

ESMERALDA: Que livros são?

SILVANO: Não sei disso.
Um deles é muito grande,
os outros são pequeninos.

CARLOS: Alcançar o que comprei
não pode ser conhecido
da tua grande ignorância.

SILVANO: Assim será, mas eu digo
que não se faz boa oleia
com esses livros cozidos.

CARLOS: Se estes livros anteponho [2]
ao comer, hás-de impedi-lo?

SILVANO: Dize-me cá, Esmeralda,
não era emprego mais lindo

o comprar para a barriga
vaca, presunto e toucinho?

ESMERALDA: Tens razão.

SILVANO: Vales um reino,
quando concordas comigo.

CARLOS: Como rústico e glutão,
não podes ir distinguido,
que sempre foram as ciências
o pasto dos entendidos.

SILVANO: Mas, quando os sábios têm fome,
não lhe vejo comer livros,
antes os largam, se à mesa
chegam percebes e cabritos,
galinhas, frangos, perdizes
e garrafas de bom vinho!

CARLOS: És ignorante!

SILVANO: Ignorante!

Agora me encolerizo...

Haja murros e saibamos
qual é o mais erudito.

CARLOS: Chega, e verás como, airoso,
deixo o teu furor punido.

ESMERALDA: Apartem, não haja bulha.

Sejam ambos muito amigos. [2v]

Olhem, que lá vem seu pai.

Sai ROBERTO.

ROBERTO: Carlos, Silvano, meus filhos,

que fazeis?

SILVANO: Sempre escapou,
teve muito bom padrinho.

CARLOS: Meu pai, vimos do mercado.

ROBERTO: Pois, como estais neste sítio,
Quando o duque anda no monte
e trazendo a caça consigo?

D.^a Aurora, a quem nomeiam
da formosa o prodígio,
já caminha para a quinta
de que sou guarda, e é preciso
que se veja nos jardins
o asseio mais esquisito.

CARLOS: (Aparte) Com tão gostosa notícia
novos alentos respiro.

SILVANO: E deixa de perguntar-nos
a que ficou reduzido
todo o dinheiro da lenha?

ROBERTO: Que trazeis?

CARLOS: Senhor, confio
que meus sinceros intentos
desculpareis, compassivo,
amado pai; às ciências
tanto inclinado me sinto [3]
que sem o vosso cuidado
o latim tenho aprendido.
Para mais exercitar-me,
Comprei, senhor, alguns livros,
dos quais um segundo vejo

por título tem Ovídio

De arte am andi.

SILVANO: (Aparte) Grande compra!

Melhor gasto os meus conquibus!

Mas o resto do dinheiro

empregou em pucarinhos!

CARLOS: Não gostas de beber água

por um barro?

SILVANO: Nem por vidro.

Eu, água? Não posso crer,

e menos me capacito,

que tu sejas meu irmão.

ROBERTO: Silvano, por que motivo?

SILVANO: Nunca pode ter bom sangue,

quem bebe água e deixa o vinho.

ROBERTO: E tu que trazes?

SILVANO: Mil coisas

para tratar do indivíduo,

pois nele cuidar só deve

o que deseja estar vivo.

Não tenho melhor recreio

senão quando me diviso, [3v]

comendo em pé ou sentado,

manjares grossos e finos.

Quando a barriga está cheia,

para a calma dou dois trincos,

e se o licor vai em cima,

pouco importa que haja frio.

ESMERALDA: Não quer dizer o que traz

por não repartir comigo.

SILVANO: Eu contigo do que trago
sempre tenho repartido.

Comerás paio excelente,
daquele mais esquisito.

ROBERTO: (Aparte) Qual será este segredo
de dois génios tão distintos?

Carlos, meu filho, é humilde,
sábio, cortês e benigno;

Silvano, filho do duque,
é néscio, louco e sem brio.

Se o criá-lo ocultamente
a causa fora, ou motivo,
seguir-se também o efeito
poderá em Carlos, meu filho.

Uma foi a educação,
o sangue diverso; e admiro
que saíssem diferentes
no costume e nos arbítrios.

Mas se a providência a Carlos [4]

Deu um prudente juízo,
Bem o precisa o que é pobre,
Que o rico nasce entendido.

Vinde, filhos.

SILVANO: Sim, senhor.

Vou comer, que estou caindo.

ESMERALDA: Não convida seu irmão?

SILVANO: Esta manhã não convidado,
porque tenho muita fome.

CARLOS: Agora não necessito.

SILVANO: Diz a verdade, que os sábios
só comem folhas de livros,
mas eu, enchendo a barriga,
outros volumes mastigo. (Vai-se)

ESMERALDA: Eu também sempre o comer
mais que as ciências estimo. (Vai-se)

ROBERTO: Carlos, filho, vem; que esperas?

CARLOS: Senhor — ah, louco destino—¹
eu vou já, mas vou sem mim
executar teus avisos.

ROBERTO: Que tens, Carlos, pois há dias
que te vejo andar aflito?

CARLOS: Todos os meus sentimentos
devem viver escondidos.

ROBERTO: Que sentes? Os teus pesares
como teu pai devo ouvi-los.

CARLOS: Amado pai, como as almas, [4v]
por terem no céu princípio,
o parentesco não seguem,
não estranhes, advertido,
que a minha intente elevar-se
com voos mais excessivos
sobre a esfera em que só tem
meu nascimento domínio.
Eu, senhor, sinto opressões
nas rústicas lãs que visto
e não basta aos meus alentos

¹Um fragmento de texto entre — corresponde a aparte em meio de fala.

quanto ao meu traje é preciso.

Quisera sair adonde
nos honrados exercícios,
para melhorar de sorte,
buscasse pronto caminho.

Pois se a fortuna levanta
ao que encontra desvalido
‘inda mais que a quem busca,
é porque cega e sem tino,
supondo merecimentos,
usa dos seus alvedrios.

Quem a busca, para as ditas
se mostra mais expedito,
que é certo não pode achá-la
o que vive nos retiros
donde não anda a fortuna
nem jamais tem domicílio. [5]

Esta é, senhor, da tristeza
toda a causa ‘inda que sinto
reservado ao teu respeito
dentro em mim outro motivo.

ROBERTO: (Aparte) Grandes cuidados me causam
os alentos deste filho.

Se acaso... Mas é loucura
ter por certo o que imagino.

Meu amor nesse silêncio
deixas, Carlos, ofendido.

Que pensamento ser pode
o que me ocultas, esquivo?

CARLOS: É, senhor, uma loucura.

ROBERTO: Loucura? Não te acredito capaz de tal desacerto.

CARLOS: Loucura é formar o tiro adonde não chega a força.

ROBERTO: Estranho o teu desatino, mas não podes explicar-te?

CARLOS: Não é para teus ouvidos notícia tão dissonante.

ROBERTO: Eu a dissonância admito.

CARLOS: Temo, senhor...

ROBERTO: Nada temas, podes falar.

CARLOS: Eu me explico, com os descuidos sinceros [5v] que a minha sorte me causa.

Um dia, isento às fadigas,
girava pela montanha,
tão fora de pensamentos,
tão alheio destas ânsias,
como quem vive uma vida
sem ver outra mais preclara;
porque aos homens o sossego
vem de não invejar nada,
que o que não vê melhor sorte,
não poderá invejá-la.

E nenhum homem no mundo
feliz ou infeliz se chama,
se, estando em qualquer fortuna,

com outro não se² compara.
Sobre a descida do monte,
senti vir gente da caça.
Parei a vista e também
parou o sossego d'alma.
Uma fugitiva corça,
airosamente, buscava,
armada co' uma chama,
e não sei se posso pintá-la
em competência de Vénus.
Não pintam tão bela a Palas
para merecer, mais digna,
brandindo um raio por lança. [6]
Nem a Vénus vencedora,
Com o pomo por mais gala,
Deixou o pastor, tão bela,
ajuntando-lhe esta graça;
nem do Sol o ardente carro
por esse horizonte arrasta
tanto esplendor quando busca
ser dos planetas monarca.
Como uma dama sublime,
ia vencendo bizarra,
em luz, formosura e brio,
ao Sol, a Vénus e Palas;
chega à distância oportuna
do tiro, e firmando a planta,
para fazer dois empregos,

² No original: *te*. Cf. sentido e sintaxe.

forte a clavina dispara,
pois soube arrojjar o fogo,
por vendas desconcertadas,
tão veloz para o meu peito,
como à corça a ardente bala;
a ver o feliz despojo
desta vitória, ia ufana,
e passando junto a mim,
deixou suspensa a minha alma.
Eu, então, dando aos assombros
Alentos na confiança,
Proferindo, de turvado, [6v]
vacilantes as palavras,
lhe disse: «Com mais razão
poderá voltar, bizarra,
a ver-me, quem se deleita
em querer ver o que mata».
Disse-me: «Quem é o morto?».
Respondi: «Dúvida estranha!
Pois têm das mortes que fazem
vossos olhos ignorância?».
«Sim, porque há muitos que vivem!».
E eu disse: «Essa ideia é falsa,
que os mais mortos serão esses;
pois se à beleza tão rara
a alma render é um feudo
que a mesma razão lhe paga;
o que de vós observado
se retira de entregá-la

será porque está sem ela,
e, sendo assim, morto estava,
pois nenhum está tão morto
como o que vive sem alma». Voltando o semblante disse,
em riso alegre banhada:
«Sois discreto» –claro está,
bem conferida a distância
que seria por desprezo,
porque quando fora tanta [7]
minha cegueira ou loucura,
que imprudente suspeitara
que o proferiu por frieza;
meu temor a imaginava
com tal altura, por ser
minha sorte humilde e baixa,
que a mim, ao vir pelo vento,
desvanecida chegara.
Neste tempo alguns criados
chegaram, e a minha esperança,
para acabar tristemente,
veio a inferir que esta dama
era a peregrina Aurora,
vinda de pouco a Ferrara,
sobrinha de Leopoldo,
e herdeira da sua casa,
levando o despojo extinto,
de todos acompanhada,
se ausentou, sem que entre tantos

algum em mim reparara.
Eu, assombrado e confuso,
sem poder mover as plantas,
fiquei como aquela flor
que o Sol segue, e se lhe falta
a sua luz, para onde desce
se mostra toda inclinada,
perdendo cheiro e beleza, [7v]
saudosa, murcha e sem gala.
Mas disse, então, invejoso
quem a sua sorte imitara;
e no mal e bem com ela
tivera uma semelhança,
pois ela ao voltar o Sol
cobrará pompa e fragância,
mas eu ficarei sentindo
ausências de quem me abrasa
de se ausentar sem falar-me
ela, e quem a acompanhava.
Senti, de sorte, o desprezo
que perguntando a desgraça
quem era, com triste exame,
quis ver o que me faltava:
achei-me pobre, abatido,
humilde e de esfera ingrata,
para aspirar aos empenhos
das venturas sublimadas,
mas em meu peito advertindo
uma gentil confiança,

imprópria da minha sorte,
quando ao valor necessária,
disse comigo: as finezas,
a fortuna, as abundâncias,
a nobreza é algum dom
que Deus infunde nas almas? [8]

O nobre adiantamento
com fadigas não se alcança,
pois como na diligência
não busco sorte mais alta?
Sabendo que há mais que ser,
há quem menos seja! A fama
ou não a busca o desprezo
ou quer perdê-la a ignorância.

Mais umas que outras, as sortes
não custam, que 'inda que várias
a inclinação que as procura,
boas ou más, as prepara.

O suor que o camponês
sobre o curvo arado espalha
dará maior interesse,
se em mais nobre empenho o gasta
quem pelo vale caminha
com os mesmos passos que anda
dirigidos às alturas
as serras fragosas passa;
a terra estéril ou fértil,
nas suas rotas entranhas
a colheita diferença

não a agreste mão que a lavra,
mais do que um rústico acaso,
trabalha o que na campanha
se emprega? Não. Mas no empenho [8v]
suas fadigas realça.

Logo, se está na eleição
da honra e nobreza a causa,
apesar do fado, o homem
é quem se ilustra ou se ultraja.
Pois deva-me novo assunto
de alto emprego esta lembrança,
porque quem busca a fortuna,
nas acções há-de encontrá-la.
Com estes nobres discursos,
voltei tão confuso a casa
que nunca, senhor, de mim
esta reflexão se aparta.
Eu devo ao céu este alento,
não o escureça uma baixa
lida do meu exercício;
saia a ver o mundo, saia
a lograr o ardente impulso;
ilustrem meu braço as armas,
busque os perigos, o alento
nos conflitos das batalhas;
enobreçam-me os empenhos
e dêem-me nome as façanhas,
pois o que intenta subir
do monte a fatal garganta

ou pisa à frente do cerro
ou precipitado acaba. [9]

ROBERTO: (Aparte) Absorto fico de ouvi-lo,
que esta sublime arrogância
só natural da nobreza.
De meu sangue humilde nasça
e que de um príncipe o alento
respire... Acções vis, infaustas?
Algum segredo imagino
em sortes tão encontradas. (Fazem dentro estrondo.)
Carlos, toda a comitiva
do duque já chega. Guarda
para depois o discurso,
porque agora já nos chama
a obrigação mais precisa
de assistir a quem nos manda.

CARLOS: Por várias partes do monte
a comitiva se espalha.
Porém, que diviso? Aurora,
da família desviada,
para esta parte caminha!
Meu peito se sobressalta.

Sai AURORA vestida de caça.

AURORA: Como o javali furioso
busca o centro da montanha,
é impossível segui-lo,
porque me sinto cansada.

CARLOS: (Aparte) Quem viu mulher mais gentil!

É loucura o cortejá-la. [9v]

Mas esta civil loucura
bem pode ser desculpada.

AURORA: Camponês!

CARLOS: (Aparte) Deixou-me mudo,
mal haja a sorte tirana!

Que direi, se antes de ouvir-me

Como rústico me trata?

AURORA: Há no sítio alguma fonte
donde possa beber água?

CARLOS: Aqui perto uma se avista.

Porém, de tais circunstâncias

que a sua água por subtil

temo que dano vos faça.

AURORA: Seja como for, trazei-ma.

CARLOS: Vou conduzi-la.

AURORA: Já tarda.

CARLOS: (Aparte) Destes barros que comprei

logro o fruto que esperava,

pois de ver que a servi pronto

pode ficar admirada. (Vai-se.)

AURORA: Este rústico é o mesmo

que encontrei andando à caça;

que, ‘inda que agreste, me disse

expressões muito acertadas.

Sai CARLOS com um púcaro de água.

CARLOS: Senhora, aqui estais servida.

AURORA: Vossa prontidão me espanta! [10]

Tão perto achasteis o barro?

CARLOS: É incrível que não saiba
adivinhar o que serve
com o desejo...

CARLOS: Senhora, estou perturbado,
quem contra toda a esperança... (Chega o púcaro à boca de Aurora e o
deixa cair das mãos.)

AURORA: Que fizestes?

CARLOS: Foi sair
de uma dúvida em que estava,
tendo o impulso este acidente
do temor que me acompanha.

AURORA: De que dúvida? Explicai-vos.

CARLOS: Discorrendo nunca achava
à minha abatida sorte
com que poder compará-la.

Neste barro achei o exemplo,
Porque ele bem ma retrata

AURORA: Deu-vos exemplo em quebrar-se?

CARLOS: Sim, senhora.

AURORA: Por que causa?

CARLOS: Porque, sendo meu, conhece
o excelso lugar que alcança;
por meu, chegou a ser digno
a casa de glória tanta,
como o tocar vossos lábios,
e ao lograr dita tão rara, [10v]

quebrou-se, turvado, que é,
com devida semelhança,
aquele mesmo infortúnio
que a minha sorte ameaça.

AURORA: Que impulso vos perturbou?

CARLOS: Meu afecto.

AURORA: Afecto? Estranha
julgo em vós essa paixão.

CARLOS: Foi, senhor, uma batalha
que, ao ver-vos, senti no peito,
sem que pudesse evitá-la.

AURORA: Guerra sentis?

CARLOS: E tão grande
que, no triunfo empenhada,
vencê-la não poderei,
pois todo o poder me falta.

AURORA: Essa batalha explicai.

CARLOS: Posso, e não sei explicá-la.

AURORA: Estais sentindo o combate
e tendes dele ignorância?

CARLOS: Não o ignoro, mas se o calo
é que por alguma causa
posso dizer o que sinto,
porém não como se chama.

AURORA: Pois, dizei-me, que sentis
de me ver?

CARLOS: Isso esperava. [11]

De não vos ver sinto um fogo
que lentamente me abrasa;

e logo de ver-vos sinto
um gelo que me trespassa.
O triste alento se apressa
e, como túbio, desmaia;
socorro com um suspiro
as precisões da minha alma;
a língua se me entorpece,
a cor no semblante falta,
o que julgo quando sinto
as veias de sangue exaustas;
o coração palpitante,
confuso, no peito salta
e, desejando sair,
do próprio centro se arranca.
Destes movimentos nasce
uma fadiga que agrada,
uma aflição que alivia
e um desalento que afaga.
Porque, suposto que ao ver-vos,
esta lida me maltrata,
maior tormento diviso,
se estais de mim separada;
e é tão violenta esta luta
que ‘inda que estão dentro da alma,
o passo, a voz, as acções, [11v]
ficam com elas turvadas.
Isto sofro, e ‘inda que é este
o acidente da batalha,
que dentro no peito sinto,

eu não sei como se chama.

AURORA: (Aparte) É louco mas agradável.

Isso com menos palavras

é amor.

CARLOS: Eu não o digo,
mas se entendeis que estas ânsias

são amor, sendo vós mesma

quem o julga e quem o alcança,

não hei-de ser tão grosseiro

que desmentindo uma dama

lhe diga que entende mal.

Vós o dizeis, e isso basta.

AURORA: (Aparte) Para ser louco, os delírios,

Acautelado, repara;

e para humilde e grosseiro,

civil e discreto fala.

Não tem com o traje agreste

este estilo semelhança.

Sai LEOPOLDO, ROBERTO e criados.

LEOPOLDO: D.^a Aurora aqui detida!

Por que causa te dilatas

sem observar os jardins,

onde recreio esperavas? [12]

AURORA: Buscando vim uma fonte

para deixar mitigada

a sede que me causou

a diligência da caça.

LEOPOLDO: Dentro da quinta acharás
fontes sublimes e raras,
onde em mármore e jaspes,
com primorosa jactância,
a força da arquitectura
se vê bem desempenhada.

AURORA: Vou, senhor, obedecer-te.

LEOPOLDO: Por algum tempo descansa,
recuperando o sossego
a que a fadiga te chama.

CARLOS: (Aparte) Louca paixão que presumes?

AURORA: (Aparte) Deste rústico admirada
vou, porque dele se inferem
consequências bem contrárias,
e já me motiva agrado
com o mesmo que me agrava. (Vai-se.)

CARLOS: (Aparte) Será arrojo o segui-la,
mas devem nesta distância,
‘inda que seja de longe,
meus olhos acompanhá-la. (Retira-se para o fundo da cena observando o
sítio para onde se retirou D.^a Aurora.)

LEOPOLDO: Roberto, dize, Silvano
como está?

ROBERTO: Senhor, turvada [12v]
a minha voz te responde,
porque como tu me mandas
que na sua educação
somente os excessos faça
que devo usar com meu filho,

pelo segredo que guardas,
sinto dizer-te que está
muito rústico.

LEOPOLDO: Essa falta,
em quem o meu sangue goza,
será fácil emendá-la.

E já que permite a sorte
a meus intentos mudança,
farei que na corte aprenda
o que o campo lhe negava.

ROBERTO: Na corte? Como?

LEOPOLDO: Bem sabes
que eu por atender Calandra,
minha esposa, tendo um filho
que meus estados herdará,
solicitei educá-lo,
com segredo e vigilância.
Porém, já que a sorte esquiva
Dispôs —oh pena tirana—
que por um bruto indomável
casualmente despenhada
perdesse a consorte a vida, [13]
causando luto a Ferrara,
e sucessivo lamento
à minha idade avançada,
cessando herdar minha casa,
Aurora, cuja beleza
é de muitos estimada,
por escusar competências

que, às vezes, param em desgraças,
reconhecendo meu filho,
com ele espero casá-la.
Este intento proveitoso
é da minha vinda a causa,
e para que o levem trago
a prevenção necessária,
ordem têm os meus criados
e virão executá-la,
pois espero que na corte
se emende a sua ignorância.

CARLOS: (Aparte) Muito em falar com meu pai
Leopoldo se dilata.

ROBERTO: As tuas ordens, senhor,
por mim serão respeitadas.

LEOPOLDO: Onde está ele?

ROBERTO: Presumo
que não está longe.

LEOPOLDO: Manda
que o chamem com toda a pressa. [13v]

ROBERTO: Carlos, a Silvano chama.

CARLOS: Como para aqui caminha,
é diligência escusada.

Sai SILVANO e ESMERALDA.

SILVANO: Esmeralda, eu ando tolo,
aborreço disparates!
Estas gentes lá da corte

fazem dos outros basbaques.

ROBERTO: Silvano.

SILVANO: (Aparte) Temos história,
há-de dar-me em que trabalhe.

ROBERTO: Chega, pois te chama o duque.

SILVANO: Que me importa a mim que chame!

Chame pelos seus criados,
que todos são bons alarves!

LEOPOLDO: Que dizes?

SILVANO: Vossa presença
não é coisa que me agrade.

LEOPOLDO: Por que causa?

SILVANO: Estou ofendido.

LEOPOLDO: De quem? Dize.

SILVANO: Não o sabe?

De vossa insolência mesmo!

LEOPOLDO: Que fiz eu para agravar-te?

SILVANO: Traz na sua companhia

gente de tal qualidade
que nunca comem nem bebem [14]

toda a manhã, e me fazem,

nas suas impertinências,

passar jejuns muito grandes!

LEOPOLDO: Pois falta-te que comer?

ROBERTO: Ele não pode queixar-se,
porque nunca lhe faltou.

SILVANO: Ainda que haja bastante,

sempre falta, porque pode

haver mais para fartar-me!

CARLOS: (Aparte) Que néscio! Não há em casa
com que possas sustentar-te?

SILVANO: Pois, dizei-me, que há-de haver?

Em sus é coisa que baste
uma olha, que num canto
da minha barriga cabe?

LEOPOLDO: (Aparte) Julgo que do traste agreste
o rústico génio nasce.

Dize, Silvano, desejas
aprender algumas artes?

SILVANO: O que desejo é comer,
que só isso bem me sabe.

Se não há bem que almoçar,
por minha curiosidade,
vou quebrar na vizinhança
os narizes aos rapazes,
e, às vezes, se estou raivoso,
quebro pratos e alguidares, [14v]
porque como estão vazios,
não é justo que se guardem.

LEOPOLDO: (Aparte) A grande risco me exponho,
mas tanta rusticidade
perderá dentro na corte.

Dize, agrada-te este traje?

SILVANO: Enquanto à primeira vista
não deixa de ser galante,
mas julgo que o meu vestido,
por ser ligeiro, é mais grave.

Coisa que dá sujeição,

para mim, nem dez réis vale,
pois, quando como, pretendo
que a barriga mais se alargue.

LEOPOLDO: (Aparte) Roberto, na minha ausência,
com madureza o persuade
de que é meu filho, que o estado
sempre aos homens mudar sabe.
E o que nele agora o trato
com rústicas qualidades
tiranamente escurece
fará claro o ilustre sangue.
Podes dispo-lo no entanto,
que outros vestidos lhe trazem. (Vai-se.)

ROBERTO: (Aparte) Verás em tudo obediente
a minha pronta lealdade. (Vai-se.)

SILVANO: Tenho fome! Já tomara [15]
que esta gatinha abalasse.
O duque vai aturdido
da minha capacidade.

CARLOS: (Aparte) De que seja meu irmão
não posso capacitar-me.

ESMERALDA: Diga-me, senhor Silvano,
foi acerto que falasse
com um duque desse modo?

SILVANO: Julgavas que era selvagem?
Pois vê lá o que lhe disse!

ESMERALDA: Que lhe disse?! Na verdade
que toda a gente se admira
do seu modo extravagante.

SILVANO: Não há-de ficar pasmada
de me ver em poucas frases
tudo quanto me ocorria
de repente declarar-lhe!

CARLOS: Sim, do teu grande juízo
bastantes sinais mostrastes.

SILVANO: Às vezes ando discreto
e fiz por desempenhar-me.

ESMERALDA: Porém, andou muito mal.

SILVANO: Quando?

ESMERALDA: Agora neste instante,
porque disse mil loucuras.

SILVANO: Julgo que não te enganaste,
eu hoje não andei muito, [15v]
pois fui na burra à cidade
e não vim muito cansado.

CARLOS: É difícil emendar-se.

ESMERALDA: Do seu tosco entendimento
é forçoso que me espante!

SILVANO: Esmeralda, não me louves
que eu não quero ter vaidades!

CARLOS: Meu pai já volta e, contente,
mostra risonho o semblante.
Só eu, por minha desgraça,
nasci para ter pesares.

Sai ROBERTO.

ROBERTO: Filhos!

CARLOS: Senhor.

SILVANO: Que me ordena?

ROBERTO: Alegre devo mostrar-me,
pois de um de vós já chegou
a gentil felicidade.

SILVANO: Já chegou? E donde vem?

ESMERALDA: (Aparte) Boa notícia vem dar-lhe.

ROBERTO: Um de vós não é meu filho,
tem mais alta qualidade,
ainda que em minha casa
como meu filho o educasse.

SILVANO: Quanto apostas que sou eu?

ESMERALDA: Por que causa?

SILVANO: De passagem, [16]

vi na corte um sacristão
que na figura e no talhe
comigo se parecia:
tinha a cabeça mui grande,
era branco como um ovo
e vermelho como um lacre.

ESMERALDA: Pois era vermelho e branco?

SILVANO: Isso é coisa em que repares?!

Tinha, se bem me recordo,
de cada coisa metade:
o nariz era vermelho
e brancas ambas as faces.

CARLOS: Ainda que a minha sorte
tivera melhor realce,
se por meu pai vos perdera,

não me seria agradável.

ROBERTO: A Silvano este favor
quis o fado destinar-lhe.

SILVANO: Pois, então, não era certo?
Não perdias se apostasses!
Quando eu vi o sacristão,
o disse sem me informarem.

ESMERALDA: Se de tal pai descendesse,
tinha dita muito grande!

SILVANO: Já muitas vezes te disse
que não quero que me gaves.

ROBERTO: Silvano, a vossa ascendência [16v]
é de mais nobres quilates.
Deixai que vos beije a mão
em sinal de vassalagem,
pois do duque de Ferrara
sois filho.

SILVANO: Quer empulhar-me?
Isso é graça!

ROBERTO: Acreditai,
que vos trato com verdade.

SILVANO: Pois é geração de um duque
esta minha personagem?

ROBERTO: Seu filho sois.

SILVANO: Não zombemos,
que o caso é muito importante.

ROBERTO: Se os céus tão alto favor
benignamente vos fazem,
por que causa o duvidais?

SILVANO: Pois sendo dessa linhagem,
filho de um duque, era justo
que o comer se me taxasse.
Ide-vos, velho insensato,
convosco quero enfadar-me.
D. Silvano assim se trata?
Sois um vilão!

ROBERTO: Perdoai-me.
Melhora-se a vossa sorte,
e por causa da igualdade, [17]
sereis esposo de Aurora.

CARLOS: (Aparte) Que escuto? Oh, funesto lance!

SILVANO: Eu vou ser de Aurora esposo?
Essa agora é mais galante,
não quero madrugar tanto.

CARLOS: (Aparte) Triste esperança acabaste.

SILVANO: E a tal Aurora é bonita?

ROBERTO: Tem condições singulares,
desafia na beleza
do Sol as luzes brilhantes.

SILVANO: Pois eu terei o cuidado
de matar esse basbaque.

ESMERALDA: Para quê?

SILVANO: Boa pergunta,
quero erguer-me muito tarde!

ROBERTO: Que esperas, Carlos? Humilde,
tu deves a mão beijar-lhe.

CARLOS: A cumprir vossos preceitos
minha obediência não falte.

SILVANO: Pois sou néscio, amigo Carlos?

Qual de nós mais gíria sabe?

Para ser filho de um duque

terás tu habilidade?

ESMERALDA: Agora que hei-de fazer,
senhor Silvano?

SILVANO: Casar-te.

ESMERALDA: O conselho é muito bom, [17v]
mas vossa excelência vai-se.

SILVANO: Pois eu te darei um dote
com que possas sustentar-te.

ESMERALDA: Beijo-lhe as mãos. Por marido,
não deixarei de casar-me.

SILVANO: Isso queria eu saber...

Ah, infiel, tu me fazes
arrebentar com ciúmes!

ESMERALDA: Já é senhor, não se enfade.
Os amores acabaram.

SILVANO: Quem mandou que se acabassem?
Alguém impede os senhores
que as esmeraldas não gastem? (Estrondo dentro.)

ROBERTO: Presumo que vêm buscar-vos.

SILVANO: Isto vai sendo verdade.

**Sai TARTUFO com outros criados, os quais trazem o que é preciso para
se vestir SILVANO.**

TARTUFO: (Para os outros) Conduzi esses vestidos.
Diga-me, senhor Roberto,

qual destes dois é Silvano?

ROBERTO: É aquele (apontando para Silvano).

TARTUFO: (Aparte) Como é feio!

SILVANO: (Aparte) O caso já vai deveras.

Filho de um duque me vejo.

TARTUFO: Para mais honra lograr

vossos pés, senhor, vos peço. [18]

SILVANO: Os pés? Seria bem asno!

Nem pernas, nem os joelhos,

e depois com que hei-de andar?

TARTUFO: (Aparte) Parece-me bem camelo.

Senhor, com ordem precisa,

de quem governa aqui venho

para vos levar à corte.

SILVANO: Não levas pequeno peso.

TARTUFO: Vinde mudar de vestido.

SILVANO: Vestido?

TARTUFO: Sim, muito sécio.

SILVANO: E trazes também camisa?

TARTUFO: Também entre os fatos veio.

SILVANO: Aonde está?

TARTUFO: Trago quatro.

SILVANO: É bastante provimento.

Porém, dize-me, têm ouro?

TARTUFO: Ouro aos montes! (Aparte) É bem néscio.

SILVANO: Se tiver valor queimado,

em poucos dias as vendo.

TARTUFO: Se é o duque quem as manda,

valerão muito!

SILVANO: Isso é certo!

E o tal duque come bem?

TARTUFO: É abundante!

SILVANO: Isso quero.

Ah, Silvano, desta feita [18v]

te fazes como um flamengo.

ESMERALDA: (Aparte) O seu ponto é comer muito.

CARLOS: (Aparte) Não há maior destempero.

SILVANO: Haverá por lá bom vinho?

TARTUFO: Não é mau o que bebemos.

SILVANO: Com efeito ele é meu pai?

Sabes se dele descendo?

TARTUFO: Por filho vos reconhece.

SILVANO: Essa coisa tem seu jeito.

ROBERTO: Vede que o duque vos manda
que vades comer.

SILVANO: Já creio

que é meu pai, se tal ordena.

CARLOS: (Aparte) Não há mais indigno génio.

TARTUFO: Vinde depressa vestir-vos.

SILVANO: Não é preciso. Aqui mesmo
se faça essa diligência.

Venha algum de maior preço,

porém que seja bem largo,

porque eu não gosto de apertos.

TARTUFO: (Aparte) De juízo tem bem pouco.

SILVANO: Vamos a isto!

TARTUFO: Obedeço.

SILVANO: Quero que Carlos me sirva,

depois do meu casamento.

Deem-lhe também de vestir (vai-se vestindo ridiculamente).

TARTUFO: Nisso logo cuidaremos. [19]

SILVANO: Quero também que Esmeralda se vista com muito asseio.

TARTUFO: As damas de vossa esposa a porão logo nos termos.

SILVANO: És tolo! Pois que lhe falta?

TARTUFO: Vamos.

SILVANO: Um pouco esperemos...

Dize-me cá, eu sou duque?

TARTUFO: Como duque vos respeito.

SILVANO: Se acaso não é verdade, leve a breca o parentesco. (Vai-se.)

ROBERTO: Carlos, vem.

CARLOS: Abrase um raio todos os meus pensamentos!

Agora, querido pai, é maior o meu desprezo.

ROBERTO: Invejar a alheia dita não deves, sendo discreto, pois te basta para glória gozar um heróico alento.

CARLOS: Porém, amado pai, que é isto?

ROBERTO: É ser venturoso um néscio, que a fortuna nunca sabe conhecer merecimentos. (Vai-se.)

CARLOS: Ah, que sofrer já não posso os seus grandes desacertos. (Vai-se.)

ESMERALDA: Aquilo chama-se inveja. [19v]

Mas eu nenhuma lhe tenho,
venha o dote prometido,
que a fortuna isso é o menos.

TARTUFO: Ó menina!

ESMERALDA: Que me quer?

TARTUFO: Quero dizer-lhe, em segredo,
que se pretende marido
em mim acha um bom acerto.

ESMERALDA: (Aparte) Ora eis aqui, sem trabalho,
vai a fortuna correndo.

TARTUFO: É surda?

ESMERALDA: Muito bem ouço.

Pois já sabe se eu o quero?

TARTUFO: Não sei, mas tenho esperança,
porque julgo que a mereço.

ESMERALDA: O que merece sei eu,
porém não quero dizê-lo.

TARTUFO: Pois oferecer-lhe um marido
é coisa de atrevimento?

ESMERALDA: (Aparte) Para fazer que me estime,
devo fingir que o desprezo.

Vá-se daí, temerário!

Logo no encontro primeiro
para marido se oferece,
sem me fazer um cortejo.

(Aparte) Estou-me rindo, não posso
prosseguir no fingimento. [20]

TARTUFO: (Aparte) Ai que temos fidalguia,

trata-me como um podengo.

Como se chama?

ESMERALDA: Esmeralda.

TARTUFO: Esmeralda! Agora vejo
que, por ter nome de pedra,
nasceu dura como um seixo.

ESMERALDA: Vossa mercê como se chama?

TARTUFO: Tartufo.

ESMERALDA: (Aparte) O nome é bem feio.

TARTUFO: Não tenho bonito nome.

ESMERALDA: É próprio de tal sujeito.

TARTUFO: Pois, senhora, se é preciso
cortejá-la muito tempo,
eu para esses melindres
já não tenho sofrimento.

(Aparte) É preciso desprezá-la.

Adeus, até mais nos vermos.

ESMERALDA: (Aparte) Ai que foge. Venha cá!

TARTUFO: Não me posso estar detendo.

ESMERALDA: Tão depressa se enfadou?

Parece que é rabugento.

TARTUFO: Antes por não enfadá-la
dessas pretensões me deixo.

ESMERALDA: Deve ter muita paciência.

TARTUFO: Quando a tiver, falaremos.

ESMERALDA: Apre lá, como é arisco! [20v]

TARTUFO: Não se enfade, que isto é génio.

ESMERALDA: É necessário tratar-me
com mimo, agrado e respeito.

TARTUFO: Em palácio achará tudo,
que agora estou muito soco. (Vai-se.)

ESMERALDA: E foi-se embora! Preciso
levá-lo com muito jeito,
porque estes homens, se ateimam,
são tão duros como ferro. (Vai-se.)

CENA 2.^a

Sala no palácio.

O duque ALEXANDRE e FELIZARDA.

FELIZARDA: Não é filha, Alexandre, essa esperança
da vossa natural desconfiança?

ALEXANDRE: Eu bem sei, Felizarda, que desvio
pode ter a ventura desejada.

Porém, a diligência em que me fio
fará esta esperança afortunada,
pois ainda que Aurora
se vê de tantos príncipes agora
com instância pedida,
só por mim justamente é pretendida;
e nenhum nas acções de cortejá-la
os méritos excede, se os iguala,
que ao estado de Urbino;
vantajosos os mais não imagino, [21]
e quando os conhecera,
a todos igualmente conhecera
a justa precedência

no cortejo, no amor e na assistência.
Em Parma lhe assisti, sem que julgara
que os domínios herdasse de Ferrara.
E, seguindo animoso a minha estrela,
aqui vem resolutamente pretendê-la
o duque acutelado.

A outro qualquer príncipe empenhado
não há-de concedê-la, pois conhece
que do meu desagravo no interesse
trocará com valor minha esperança
o desprezo na fúria e na vingança.

FELIZARDA: Alexandre, essa queixa e sentimento
muito deixa ofendido o seu intento,
não sendo nenhum príncipe admitido
que nesta competência a tem pedido;
e sendo tão heróico o vosso brio,
não se deve ultrajar de um desvario.
Há damas muito iguais a minha prima,
cuja beleza estima
vosso grande valor.

ALEXANDRE: Pois quem pretende
lograr o seu consórcio?

FELIZARDA: (Aparte) Mal me entende.
Não quero que conheça o meu desejo, [21v]
que suposto impaciente arder o vejo.
Não pode ter amor de fogo o trato,
coberto com a nuvem do recato.

ALEXANDRE: Não me direis quem vence o seu afecto?
O guardá-lo em segredo vos prometo.

FELIZARDA: Não posso, porque agora
para aqui vem o duque com Aurora,
e deles podereis melhor sabê-lo.

ALEXANDRE: Morrerei as violências do meu zelo.

FELIZARDA: (Aparte) E eu de um triste silêncio por aviso
calando morrerei, pois é preciso.

Sai AURORA e LEOPOLDO.

LEOPOLDO: Achar-se tão grosseiro e indecoroso
o filho que te elejo para esposo
fez com que um tal segredo te encobrisse;
justo não pareceu que Aurora o visse,
até não mudar o rústico vestido.

AURORA: Senhor, o teu cuidado em vão tem sido,
pois se acaso por filho de Roberto
na quinta, como dizes, foi criado,
eu já o vi, e dava indício certo,
entre os rústicos trajés disfarçado,
que um estilo cortês, nobre e perfeito
não pode de outra coisa ser efeito.

LEOPOLDO: Aurora, tu me dás nova esperança,
pois sentia a falsa desconfiança
de que perdesse o lustre da nobreza [22]
no agreste tratamento da rudeza.

AURORA: (Aparte) Aquela admiração que na ousadia
me causou por atento, bem mostrava,
quando um rústico traje lhe assistia
a nobreza que nele se ocultava.

O belo agrado unido no respeito
dentro em meu coração ficou aceito.
E quando me agradou em baixa sorte,
que fará no esplendor de meu consorte?

LEOPOLDO: Alexandre, dai a Aurora
os justos parabéns de estar casada.

ALEXANDRE: Como posso, senhor, se ainda ignora
minha alma quem a deixa afortunada?

LEOPOLDO: Com meu filho dispus o casamento.

ALEXANDRE: Com vosso filho? Oh, céus! E que tormento!
Vós tendes filho?

LEOPOLDO: Sim, e brevemente
o consorte feliz vereis presente.

ALEXANDRE: (Aparte) Deu fim a minha esperança. Pois, senhora
se com mais digno esposo se melhora
a grandeza dos vossos predicados,
séculos dilatados,
a ventura lograi, que em vós admiro
à custa da impaciência que respiro.

FELIZARDA: Dona Aurora, esta dita sublimada
também do meu prazer é respeitada
e das núpcias estimo o feliz gosto, [22v]
como se para mim fosse disposto.

(Para Alexandre) Se tendes, Alexandre, o desengano,
será mais triste dano
do mérito ultrajar a excelsa glória,
achando empresas com igual vitória.

ALEXANDRE: (Aparte) Desenganado estou, mas a desgraça
ainda a liberdade me embaraça.

LEOPOLDO: Muito tarda Silvano.

ALEXANDRE: Já o espera
minha fé obediente, pois venera
nele de Aurora não mais digno esposo,
porém mais que Alexandre venturoso.

Sai SILVANO e CARLOS, vestidos de gala, e ROBERTO.

SILVANO: Irrório, tal não aturo!

ROBERTO: Senhor, que fazeis?

SILVANO: Que faço?

Safar-me de impertinências,
pois cerimónias não gasto.

ROBERTO: Ultrajais vosso decoro.

SILVANO: Uma grande coisa ultrajo.

CARLOS: De que foges?

SILVANO: Boa graça!

És bem néscio em perguntá-lo.

Pois queres que as mãos me comam
esses malditos criados?!

LEOPOLDO: No seu reverente obséquio, [23]

só pretendem cortejar-vos.

SILVANO: Dispenso a cortesia,
não quero as mãos em pedaços.

ROBERTO: Ponde-vos, senhor, aos pés
de vosso pai, humilhado.

SILVANO: Minha mãe, mis de três horas
lá estive industriando
no que lhe havia de dizer,

mas do coche os solavancos
mo tiraram da cabeça.

ROBERTO: Chega grave e com agrado.

SILVANO: Deus vos dê muito boas noites.

FELIZARDA: (Aparte) O cumprimento é bem raro.

CARLOS: Que dissestes? Estais cego?

SILVANO: Disse algum erro?

CARLOS: E bem crasso!

Boas noites sendo dia?

SILVANO: Vejam no que fez reparo!

Pois guardem-nas para logo,
que o dia está acabando.

CARLOS: Pede-lhe a mão sem demora.

SILVANO: Nessa logração vos caio.

Dizem que vos peça a mão,
porém eu sou tão bizarro
que só a luva vos peço,
por não desfalcar o braço.

LEOPOLDO: Meu filho, sejais bem-vindo. [23v]

SILVANO: E vós muito bem estado.

(Para Carlos) Agora falais discreto.

CARLOS: (Aparte) Cada vez está mais asno.

AURORA: (Aparte) Donde estou? Estarei viva?

Ou morta estarei acaso?

LEOPOLDO: Vens bom?

SILVANO: Um pouco moído,
mas tudo direi sentado. (Senta-se.)

LEOPOLDO: (Para Aurora) Aurora, o seu tratamento
não te deve ser estranho,

que é próprio à sinceridade
aquele desembaraço.

AURORA: (Aparte) Na minha vida não vi
génio mais extraordinário.

LEOPOLDO: É justo que nos sentemos.

AURORA: Prima, Alexandre, sentai-vos.

SILVANO: Não usem de cerimónias,
porque eu no presente caso
estou bem de qualquer modo.

Sentam-se todos, menos CARLOS e ROBERTO.

AURORA: (Aparte) Meu destino está trocado,
pois não é este o consorte
que alegre estava esperando.

CARLOS: Tirana sorte! Só eu
pude nascer desgraçado.

ALEXANDRE: (Para Felizarda) Se este é o esposo já vejo
com vingança o meu agravo.

FELIZARDA: (Aparte) De conseguir Alexandre [24]
os caminhos vou achando.

CARLOS: (Aparte) Com as desordens que observo,
minha esperança dilato.

LEOPOLDO: Não falas à tua esposa?

SILVANO: Todo nela me embasbaco.
Porém, das duas qual é?

LEOPOLDO: É a que tens a teu lado.

SILVANO: (Aparte) A esposa tem bons bigodes,
mas na beleza a desbanco.

Eu para falar com ela
na memória nada trago.
Mas o que hei-de responder-lhe
trago aqui bem explicado. (Tira um papel da algibeira.)

AURORA: Ao seu cortejo não falto.

A vossa amável presença
sei estimar, D. Silvano.

LEOPOLDO: Não respondes?

SILVANO: Vou, acho...

Espere um pequeno espaço,
e verei que hei-de dizer-lhe.

FELIZARDA: (Aparte) Sempre é bem ajuizado.

CARLOS: (Aparte) Que logre por mais feliz
tal fortuna um mentecapto.

SILVANO: Diz esta primeira regra
do princípio até à cabo...

Perdoai, amada prima... [24v]

ALEXANDRE: Não posso estar mais vingado.

AURORA: Porventura, peço esmola?

(Aparte) Nele juízo não acho.

SILVANO: A isso, diz a segunda
que a mão desejo beijar-vos,
e venho ao vosso serviço...

Irrorro, já me declaro,
não venho a tal. É um porco
quem o escreveu, foi engano!

Eu cá ao vosso serviço!

A tal coisa não me abato.

AURORA: Dirá que para servir-me

estais pronto e resignado.

Eu também por vossa esposa
servir-vos tenho a meu cargo.

SILVANO: Diz-me que diga a terceira,
que está logo mais abaixo.

Vós, prima, mereceis tudo.

ALEXANDRE: (Aparte) Aurora deve estimá-lo.

LEOPOLDO: (Aparte) Da tua grande ignorância
já me sinto envergonhado.

Não entendo como Aurora
pode discreto julgá-lo.

SILVANO: Isto é saber responder,
e tudo o mais é ser asno.

FELIZARDA: (Aparte) O génio incivil bem mostra
que foi agreste o seu trato. [25]

LEOPOLDO: Entrega-me esse papel.

SILVANO: Não, senhor, devo guardá-lo,
pois também vem nele escrito
um cumprimento mais claro
para depois de comer,
e até então não o largo.

LEOPOLDO: Tanto inclui?

SILVANO: Com ele pode
andar qualquer sem trabalho
vendo primas pelo mundo.

ROBERTO: (Aparte) É impossível domá-lo.

AURORA: (Aparte) Faz este intento do duque
a meus méritos agravo.

LEOPOLDO: Quem te escreveu o papel?

SILVANO: Estas letras são de Carlos,
que, à força de comer livros,
se tem feito um grande sábio.

LEOPOLDO: Donde está?

CARLOS: Senhor, humilde,
a teus pés se vê prostrado
quem mereceu por ditoso
o favor de seu escravo.

LEOPOLDO: Não sois filho de Roberto?

CARLOS: Sim, senhor.

LEOPOLDO: (Aparte) Seu nobre garbo
com meu coração motiva
agradáveis sobressaltos. [25v]

AURORA: (Aparte) Céus divinos! Este foi
o que comigo falando
por meu esposo julgava.
Mas sai pelo contrário:
dei-lhe lugar em meu peito,
vencida do seu agrado,
e ,agora, deve o decoro,
contra o meu gosto, expulsá-lo.

CARLOS: (Aparte) Triste amor, os teus arbítrios
só para mim são tiranos.

SILVANO: Eu tomara alguma coisa
para comer, que em palácio
parece que comem tarde.

LEOPOLDO: Que pretendes?

SILVANO: Que comamos
sem demora alguma coisa,

pois tenho fome de palmo,
e o casamento não deve
achar-me em jejum e fraco.

AURORA: Se vos sentis com fraqueza,
que vos tragam logo, mando,
chocolate.

SILVANO: Sendo frito,
tragam-me ao menos dez pratos.

AURORA: Chocolate, não ouviste?
É preciso falar alto?

SILVANO: Chocolate de tonel [26]
também por lá o gastamos.

Mas eu de beber não gosto
antes de estar atacado.

Façamos, por brevidade,
o negócio mais barato:
em lugar do chocolate,
façam-me umas migas de alho.

LEOPOLDO: (Aparte) Soube a tosca educação
ao mais grosseiro incliná-lo.

Que dizes de tua prima?

SILVANO: Que, sem disto duvidarmos,
vem a ser minha parenta.

FELIZARDA: (Aparte) Menos no juízo vário.

LEOPOLDO: O teu parecer inquirio
e tu deves explicar-mo.

SILVANO: O meu parecer é belo.

Todas à mão apartando,
me davam trezentas figas,

quando entrei neste palácio.

Senhores, eu tenho fome.

Se mais converso, desmaio,

e não caso, se morrer.

LEOPOLDO: Logo irás. Dize, Silvano,
não é gentil tua prima?

SILVANO: Da sua beleza pasmo,
mas à vista de Esmeralda
fique certa que é um ranho. [26v]

LEOPOLDO: Quem é a que lhe preferes?

SILVANO: Esta beleza que exalto
é uma minha vassala,
de quem andei namorado.

AURORA: Desejo ver se é mais bela
esta a quem não me comparo.

SILVANO: É de vós tão diferente
como eu sou de um papagaio.

LEOPOLDO: (Aparte) Já me envergonho de ouvi-lo.

Com pressa, sejam chamados
os mais eruditos mestres
para que possam ensiná-lo,
e com outra educação
sua ignorância vençamos.

AURORA: (Aparte) Mas eu nunca poderei
por meu esposo aceitá-lo.

LEOPOLDO: O que ordeno se execute:
levem-no agora ao seu quarto.

SILVANO: Um quarto só? Não, senhor.
Eu fui criado no campo,

e para estender as pernas
quero aposento bem largo.

LEOPOLDO: Vem, filho.

SILVANO: Eu vou, porém, diga,
desta feita a comer vamos?

LEOPOLDO: Acharás o que desejas.

SILVANO: Grande pai! É muito honrado. [27]

A barriga como um cesto
hei-de pôr se hoje me farto.

A minha mãe logo escreva,

Roberto, manifestando

o quanto com minha esposa

me tenho desempenhado,

e que espalhe pela aldeia

que já me vejo fidalgo. (Vai-se.)

LEOPOLDO: (Aparte) É preciso nos costumes
corrigi-lo e moderá-lo. (Vai-se.)

FELIZARDA: Alexandre, se já tendes
manifesto o desengano,

ao vosso empenho buscar

outro objecto é necessário. (Vai-se.)

ALEXANDRE: Pouco importa a dura ofensa
que da minha sorte alcanço,

se quando vou ofendido,

me vejo desagradado. (Vai-se.)

CARLOS: (Aparte) De Aurora meus tristes olhos
eu não posso separá-los.

AURORA: Por que causa vós ao duque
não ides acompanhando?

CARLOS: ‘Inda que o siga, aqui fico
a impulsos do meu cuidado.

AURORA: Donde ficais?

CARLOS: Donde ignoro,
por violência do recato, [27v]
como serei recebido
neste obséquio em que me inflamo.

AURORA: (Aparte) O meu decoro ofendendo
sinto de amor os assaltos.

Carlos, dizei, com o duque
fostes na quinta criado?

CARLOS: Sim, senhora, ‘inda que a sorte
por seus decretos tiranos,
para chorar meus desvelos
me formou mais desgraçado.

AURORA: E fazeis da sua dita
apreço?

CARLOS: Muito preclaro,
pois na ventura de esposo
vosso amor está gozando.

AURORA: Pois não lhe tenhais inveja.

CARLOS: Porque não devo invejá-lo?

AURORA: Porque é ventura de um néscio.

CARLOS: Essa tem preço mais alto.

AURORA: É engano.

CARLOS: Pois quem dela
não ficará admirado?

AURORA: ‘Inda que é menor a vossa,
da sua mostra um retrato.

CARLOS: Em que é parecida?

AURORA: O que ele
ganha em ser quem é no estado, [28]
por ser quem é tem perdido.

CARLOS: Para ser igual em ambos,
em mim que estais vendo?

AURORA: Vós.
Por quem sois tendes ganhado,
e por quem sois perdeis tudo.

CARLOS: Não o percebo, explicai-vos.

AURORA: Não tem confusão o enigma,
mais não posso declarar-vos.

AMBOS: Oh, ímpio e cruel destino,
quanto a meu gosto és contrário. (Vão-se.)

ACTO 2.º

CENA 1.ª

Jardim

AURORA e FELIZARDA.

AURORA: Pouco dorme, Felizarda,
quem aos cuidados se entrega.

E a má desgraça importuna,
grosseiramente, desperta
a alma para que pene;
e 'inda aquelas breves tréguas
do sono, que ò descanso
trazem consigo violências.

FELIZARDA: (Aparte) Já percebo os seus pesares,

e muito me descontenta [28v]
que pelo rústico génio
tanto a Silvano aborreça,
pois dilatadas as núpcias
é força que se converta
o infausto amor de Alexandre
outra vez em minha ofensa.
Que tens? ‘Inda que o motivo
do teu desgosto perceba,
não é tal que com o tempo
não possa encontrar emenda.

AURORA: Que perguntas, se conheces
que o duque casar-me intenta
com um homem que é no génio
o escândalo da nobreza?

FELIZARDA: (Aparte) Aquele tédio que mostra
meus receios acrescenta,
e para ficar triunfante
despersuadi-la quisera.

Aurora, é sem fundamento
essa fatal impaciência,
e do vil modo do esposo,
injustamente, te queixas,
pois um homem sem cultura,
educado entre asperezas,
que muito é que não saiba
quais são as acções atentas?
Um cego, se, de improvisa, [29]
os olhos na luz emprega,

nesta mesma claridade
encontra nova cegueira.
Deixa tu que com o tempo
uma doutrina mais séria
lhe desfaça lentamente
a propensão indiscreta,
e verás como descobre
nas generosas ideias
as sublimes qualidades
que na alma vivem suspensas.

AURORA: Isso dizes, quando nele
divisas tanta rudeza,

que mostra na humanidade
uma condição de fera?
Aquele que não padece
mais facilmente aconselha,
mas quando sofre as moléstias,
todo o conselho despreza.

Carlos, com ele, igualmente
naquela rústica aldeia
não se criou? Seu discurso,
a cortesia e modéstia
o desmentem de grosseiro
nas suas acções discretas.
E não foi isto alcançado
com uma doutrina mesma? [29v]

Mas talvez que sucedesse,
porque errando a natureza
equivocou duas almas,

e com tanta diferença
que deu a Carlos a nobre,
quando a Silvano a grosseira.

FELIZARDA: Tens desculpa em dar a Carlos
nos méritos preferência.

(Aparte) A outro amor incliná-la

Devo, por que não eleja
Alexandre. Pois merece,
‘inda em rústica baixeza,
que tu, Aurora...

AURORA: Que dizes?

O que a língua te confessa
fica no conhecimento,
pois ‘inda que a inteligência
conheça a esfera sublime
das suas gigantes prendas,
uma coisa é estimá-las
e outra coisa é conhecê-las.

(Aparte) Minto, pois na alma diviso

uma paixão tão violenta
que se a julgo por affecto
envergonhada me deixa;
mas, se calando esta chama,
o seu estrago se emenda, [30]
nunca o decoro estimável
terá de mim justa queixa,
porque se Carlos... Mas ele
aqui com Silvano chega.
Se a minha queixa importuna

em um tirano se aumenta,
em outro devidamente
o seu justo alívio tenha!
Ao jardim sai a vestir-se!
Aqui pretendo que vejas
os justíssimos motivos
em que fundo as minhas penas.

**Sai CARLOS, SILVANO, TARTUFO, e criados trazendo em salvas os
vestidos e luvas de Silvano.**

SILVANO: Deixa-me néscio, és bem asno!

Não aturo roupa em cima,
porque, depois de comer,
quero liberta a barriga.

TARTUFO: Para andar como merece,
é preciso que se vista.

SILVANO: Pois tu intentas vestir-me
mais daquilo que é justiça!

CARLOS: Para o teu decoro atende.

TARTUFO: A espada ponha na cinta.

SILVANO: Pois temos mais este traste?!

Por casa não se pratica. [30v]

TARTUFO: Agora está já composto.

(Aparte) Além de bruto é rezinga!

Se deste modo me trata,
irá buscar quem o sirva. (Vai-se.)

CARLOS: É necessário, Silvano,
que o modo agreste desmintas.

SILVANO: Mas andar sempre vestido
um duque não necessita,
nem andar a toda a hora
mudando fato e camisas.

CARLOS: Muda de estilo. Não vê
que a teus olhos tens vizinha
D.^a Aurora?

SILVANO: Bem a vejo.

CARLOS: Fala-lhe com cortesia.

SILVANO: Para cortejar a esposa,
estudei frases mui finas.
Aurora, aqui estamos todos.

AURORA: Que isto o meu fado consinta!
(Para Silvano) Já vejo que estais aqui.

SILVANO: Eu, em toda a minha vida,
Aurora, não tenho visto
coisa que fosse mais linda.

AURORA: Ao vosso elogio atento,
fico muito agradecida.

SILVANO: Convosco agora não falo,
nem tal no juízo tinha; [31]
falava de um pé de porco,
que comi ontem na quinta.

FELIZARDA: (Aparte) Crescendo vai em meu dano
sua fatal grosseria.

CARLOS: (Aparte) Cada vez está mais néscio.

AURORA: Parece-te, amada prima,
que pode o tempo emendá-lo?

FELIZARDA: Eu não sei o que te diga...

A sua rusticidade
teus desgostos justifica.

CARLOS: (Aparte) Para lhe falar no impulso
da minha paixão activa,
agora oportuno lance
me oferece a sorte propícia.

FELIZARDA: (Aparte) Como a discrição de Carlos
tanto agrado lhe motiva,
de conseguir o triunfo
já esperança me fica.

Presumo que o teu esposo
se perturba à minha vista;
eu me retiro, e com ele
é justo que te divirtas. (Vai-se.)

SILVANO: (Aparte) Essa moça que fugiu
parece-me muito esquivada.
Não é feia, mas a esposa
Tem cara mais esquisita.

CARLOS: (Para Silvano) Silvano, para mostrares [31v]
quanto a tua esposa estimas,
é necessário que agora
alguma coisa lhe digas.

SILVANO: O que me lembra somente
são três versos de cantiga.
Dize-me tu por detrás
algumas coisas bonitas.

CARLOS: Dize «Senhora, estas flores...».

SILVANO: Dize, senhora, estas flores...

CARLOS: Mostram na bela harmonia...

SILVANO: Mostram na bela harmonia...

CARLOS: Que do prado a monarquia...

SILVANO: Que do prado a monarquia...

CARLOS: Vos deve novos verdores.

SILVANO: Vos deve novos verdores...

CARLOS: Tudo deitastes a perder.

SILVANO: Tudo deitastes a perder...

CARLOS: Cala agora.

SILVANO: Cala agora...

CARLOS: O vosso esposo, senhora,

desculpa bem pode ter,

pois chegando-vos a ver,

tanto ficou admirado

que da beleza obrigado,

tendo o discurso preceito,

entre as luzes do respeito,

ficou cego e perturbado. [32]

AURORA: A desculpa por discreta

bem deve ser admitida.

CARLOS: Por ele, vos exporei

o que dizer pretendia.

SILVANO: Dize-lho lá, que eu agora

tenho muito presa a língua.

CARLOS: Diz que arde em novos ardores

este formoso pênsil,

e nos gratos esplendores

queixoso ficou o Abril,

vendo a inconstância das flores.

Tão alegre Primavera

jamais viu este jardim,
pois adonde toca a esfera
do vosso pé um jasmim
mais belo em nascer se esmera;
as outras antigas rosas
se retiram vergonhosas.

Mas as vossas ao colhê-las,
o modo de conhecê-las
é buscar as mais formosas.

Saiu o cravo empenhado
em ver a luz que o provoca,
mas fugiu envergonhado,
e lhe deu à vossa boca
por vantagem o nacarado.

De namorados, os ventos [32v]
querem seu curso parar,
à vossa beleza atentos,
e lhe chega a aura a roubar
seus descuidados alentos.

Ao novo sol que amanhece,
se alegra esfera brilhante,
e tirania parece

que adonde tudo floresce
só expire um peito amante,
só eu nasci infeliz,

porque a fé mais empenhada
meu triste ser contradiz...

AURORA: Que dizes, Carlos?

CARLOS: Eu, nada.

É Silvano quem o diz.

SILVANO: Eu o digo. E pois que temos?

E mais vos direi ainda.

Se eu agora me lembrasse

do que estudado trazia...

Porém, isto só vos basta

para ficar aturdida.

AURORA: (Aparte) Há mais contradição?

É crível que solícita

minha alma me dê o prémio

de tanto agrado, e que à vista

do recato e pundonor

cobarde se contradiga?! [33]

Que obrigado do affecto

julga, entende ou acredita

que é delito o responder

sendo fineza preciosa?

CARLOS: (Aparte) Ah, que resposta discreta.

Tu mesmo, Silvano, a obriga.

SILVANO: Fazeis-me pouco favor,

vosso silêncio me admira,

por que não me dais resposta?

Faltou-vos papel e tinta?

Não é dia de correio.

Isso é muita cobardia.

AURORA: Dizeis bem, tantos extremos

quero pagar advertida.

E se por vós falou Carlos,

ele a resposta vos digo.

CARLOS: (Aparte) Triste amor, quanto és cobarde!

Tu mesmo cruel me ensinas
que escutar e responder
é fineza mais distinta.

AURORA: Digo que os vossos obséquios
sei estimar compassiva;
que a vossa fé verdadeira,
prudente, a minha alma estima;
que sois cortês e discreto,
e não sei se agradecida...

(Aparte) Ai de mim, o meu decoro, [33v]
Incauto, se precipita.

CARLOS: Continuai.

AURORA: Se eu a ambos
tão opostos não sentira,
de tal sorte o vosso affecto
devidamente me obriga...

CARLOS: Com quem falais?

AURORA: Com Silvano
é a expressão dirigida.

Pois hei-de falar convosco?

CARLOS: (Aparte) Julgo que talvez se finja.

SILVANO: Claro está comigo fala,
no que expôs bem o confirma,
e, se diz que sou discreto,
só comigo é que se explica.

AURORA: Enfim, digo que Silvano...

LEOPOLDO: (Dentro) Ao jardim, com toda a pressa,
todos os mestres conduzam.

CARLOS: Que dizeis?

AURORA: Que o duque chega,
e só vos digo que logo...

CARLOS: Dizei-me, tereis clemência
do meu amor?

AURORA: O que devo
é só castigar severa
a vossa louca ousadia,
e que terei por ofensa, [34]
quando outra vez por Silvano
me expresseis doces finezas,
pois só a ele pertence
esta amante diligência. (Vai-se.)

SILVANO: Quanto ele disse, eu trazia
encaixado na cabeça.

**Sai LEOPOLDO, ALEXANDRE, um criado com espadas de esgrima, uma
rabeça e um MESTRE DE DANÇA.**

LEOPOLDO: (Aparte) Uma doutrina prudente
hoje em meu filho escureça
aquele rústico ensino
que teve na adolescência.
Silvano, o affecto de pai,
cuidadoso me desvelo
em procurar que os teus erros
se corrijam e tenham emenda.

SILVANO: (Aparte) Se me manda para a escola,
não me caso desta feita.

LEOPOLDO: Todas as prendas devidas
que com gala e com destreza
o que tem ilustre sangue
é justa razão que aprendas.
Hás-de estudar desde agora,
e meu grande amor te deva
que com gosto e aplicação
te canses em aprendê-las. [34v]

SILVANO: Porém, depois de cansado,
fico sem vida e sem prendas.

LEOPOLDO: Nunca periga o que estuda,
quando estuda com prudência.
É preciso que dos mestres
o ensino aplicado atendas,
pois estudando, gostoso,
logo a doutrina aproveita.
E por que não te embarace
o meu respeito e presença,
te deixo no duque e em Carlos
as testemunhas sinceras,
que suprirão, condoídas,
faltas da tua experiência. (Retira-se para o centro do jardim.)

SILVANO: Tudo farei lindamente,
pois tenho manhas e ideias
para tudo quanto quero,
e sou mui forte das pernas.
Venha o mestre de dança.

MESTRE: Aqui estou.

SILVANO: (Aparte) Nunca vieras

senão quando eu te chamasse.

O céu me dê boa estreia.

MESTRE: Defronte de mim se ponha.

SILVANO: Vereis se faço proezas.

Era o primeiro nas danças
que se faziam na aldeia. [35]

Principiai a dançar.

MESTRE: Seja esta lição primeira
uma entrada de lavana.

SILVANO: Dizeis lindamente, venha
uma entrada espirituosa,
que faça cair as telhas.

MESTRE: Dance sem affectação
e faça uma reverência;
o corpo airoso e direito,
mas não com ambas as pernas.

ALEXANDRE: (Aparte) Há figura mais estranha?!

MESTRE: A cortesia não presta.
Há-de ser por este modo,
olhe para mim, aprenda.

SILVANO: A vossa é muito galante,
esquipática e ligeira,
mas a minha é mais segura.

ALEXANDRE: (Aparte) É grande a sua rudeza.

SILVANO: Já viste que alguém caísse,
fazendo esta reverência?

MESTRE: Dê agora cinco passos.

SILVANO: Ainda temos mais essa!

A lição é muito comprida

e estou fraco das canelas.

CARLOS: Principia.

SILVANO: Lá vai um,
que, ao menos, tem légua e meia. [35v]

MESTRE: Prossiga.

SILVANO: Vão dois e três,
quatro, cinco, e são de esguelha.

MESTRE: Basta.

SILVANO: E, quando não bastasse,
todo este jardim correrá.

MESTRE: Dê para trás outros tantos.

SILVANO: Passos atrás! Aqui venha
investir-me um esquadrão
de mil e oitenta rabecas,
com quinhentos minuets,
que, sem mover estas pernas,
os espero resoluto.

Passos atrás! É desfeita,
‘inda que agora viessem
todos postos em fileira,
Ferrabrás, Roldão e o Cid,
Sempre aqui firme estivera.

CARLOS: Desfaze os passos que destes
com bom ar, e deixa teimas.

SILVANO: Eu os desfaço, porque isso
é acção de fortaleza.

Ai de mim! (Cai.)

ALEXANDRE: Que sucedeu?

SILVANO: Não vedes? Caí por terra.

CARLOS: Tivestes dano?

SILVANO: Presumo [36]

que cobrei duas costelas.

ALEXANDRE: Levantai-vos.

SILVANO: Tal não quero.

CARLOS: Levanta-te.

SILVANO: Só me erguera,

se o mestre se fosse embora.

MESTRE: É preciso que obedeça.

(Aparte) Não saberá coisa alguma
se aprende desta maneira. (Vai-se.)

AURORA ao bastidor.

AURORA: (Aparte) Farei com que seja Carlos

deste palácio excluído,

pois temo que o meu decoro

busque no amor precipício.

Mas, ai de mim, quando vejo,

nesta lei me contradigo,

e perco todas as forças

vacilando no meu brio.

CARLOS: (Aparte) Os erros que o dançar fez

as armas podem supri-los;

luzir podereis, pois julgo

que por Aurora sou visto.

ALEXANDRE: (Aparte) Aurora ao jardim chegou,

e ao meu amor é preciso

que à vista desta ignorância

faça os méritos distintos,
porque os dois ao luzimento [36v]
me dão bastante caminho,
um por ignorante e simples,
outro por pouco expedito.

SILVANO: Venha a esgrima, porque julgo
que só nela me despico.

ALEXANDRE: Eu quero ser o primeiro,
que atendendo ao vosso ensino,
a espada na mão vos ponha,
pois em tal honra consigo,
como feliz primazia,
a dita que solicito.

SILVANO: E por donde hei-de pegar-lhe?
Ensinai-me, eu não sei disto.

ALEXANDRE: Por aqui.

AURORA: (Aparte) Grande loucura!
Não vi homem mais indigno.

SILVANO: Já começo a dar carolos,
porque gosto quando esgrimo.

ALEXANDRE: Esgrimi, ganhai-me a espada-

SILVANO: Mas eu convosco não brigo;
se tendes mais força que eu,
não aceito o desafio.

ALEXANDRE: Silvano, cobri o ponto,
pois no intento de ferir-vos,
será muito necessário
que vos ache defendido.

SILVANO: E pergunto: esse tal ponto [37]

donde está? Não o diviso.

Eu entendo que tomá-lo
é melhor do que cobri-lo.

ALEXANDRE: Silvano, toda a doutrina
convosco é tempo perdido.

Pois como em vós a rudeza
é um defeito nativo,
vos mostrais quase incapaz
de outros maiores princípios.

O duque, antes de inteirar-se
do vosso incapaz estilo,
não sei se obrou justamente
em declarar-vos por filho.

Para ensinar-vos é tarde,
pois sempre tendes vivido
toscamente sem doutrina,
no mais inculto retiro
de uma aldeia, adonde só,
faltando a cultura ao brio,
se vê, pelo trato agreste,
entorpecer-se o juízo.

Quereis, Silvano, observar
se neste conceito minto?

Pois vedes Carlos, que tem
um breve e pequeno indício
da cultura do palácio,
as armas torpe esgrimindo [37v]
mostrará que é muito inábil
o que nasceu sem ensino.

Tomai a espada, e então vereis
se é verdade o quanto digo.

SILVANO: Olá, se lhe há-de pegar!

Cuidais que brincais comigo!

É um Hércules, matou
de um revês três mil mosquitos.

CARLOS: (Aparte) O lance vejo à medida
do que tinha apetecido.

Este soberbo Alexandre
já me enfada por altivo,
e, se intenta desluzir-me,
desenganá-lo é preciso.

Se é gosto vosso que esgrima,
obedeço e não resisto.

LEOPOLDO ao bastidor.

LEOPOLDO: (Aparte) Daqui verei, se em Silvano
fez algum efeito o ensino.

SILVANO: ‘Inda assim para esta parte,
a bom salvo, me retiro.

Vamos a isso, haja molho,
e corra o sangue em dois rios. (Brigam Carlos e Alexandre.)

ALEXANDRE: Não é muito cobarde.

SILVANO: Carlos,
dá-lhe coques infinitos.

Porém, faze isso de sorte [38]

que não leves nos focinhos.

ALEXANDRE: Sem a espada me deixou.

SILVANO: É fraco como um pepino.

CARLOS: Caiu-lhe a espada, é forçoso
restituir-lha.

Cai-lhe a espada e CARLOS a levanta.

ALEXANDRE: Oh, destino!

Que este desaire tolere.

Envergonhado me sinto.

CARLOS: Senhor duque, perdoai.

ALEXANDRE: Pois como, néscio atrevido,
praticais tal ousadia,
sendo um homem tão indigno?
Juro aos céus que desta ofensa
tomarei...

Sai AURORA e LEOPOLDO.

AURORA: Duque, que é isto?

LEOPOLDO: Carlos, que é isto? Falai.

SILVANO: Não foi isto, foi aquilo.

ALEXANDRE: (Aparte) ‘Inda mais este desaire,
ver Aurora o meu ludífbrio.

LEOPOLDO: Dizei-me, Carlos, qual foi
desta discórdia o motivo.

CARLOS: Se vós mandais que o declare,
é forçoso referi-lo.

Eu ao duque suplicava
que generoso e benigno

me desse alguma lição, [38v]
porque aprender solicito;
a espada quis entregar-lhe,
mas deste arrojo, sentido,
disse como me atrevia,
sendo um homem tão indigno,
a cometer tal insulto.
Se errei, perdão lhe suplico,
no futuro conhecendo
que é execrando delito
o pedir-lhe que me ensine,
porque nasci abatido.

SILVANO: Senhor, não aturo enganoso.

É mentira tudo aquilo,
pois Carlos tirou-lhe a espada,
como eu vi neste cantinho.

LEOPOLDO: (Aparte) Por não deslustrar ao duque,
seguir o engano é preciso.

O que Carlos me propôs
só por verdade imagino,
e as palavras de Silvano
como falsas acredito,
pois não pode falar certo
quem tem confuso o juízo.
Duque, o perdão para Carlos
vos peço; ele, inadvertido,
sem dúvida julgaria
que da esgrima no exercício [39]
escolher-vos para mestre

era aplauso e não delito.

ALEXANDRE: Basta que o mandeis, pois logra em vós tanto patrocínio.

LEOPOLDO: Carlos, o duque, a meus rogos, vos perdoou, compassivo, a louca temeridade.

Porém, ficai advertindo que Alexandre, como nobre, só é mestre de meu filho.

ALEXANDRE: (Aparte) ‘Inda mais que da verdade, me agravo dos artifícios, pois dando cor a uma ofensa me deixa mais abatido.

AURORA: (Aparte) Que domine, por atento, Carlos no meu alvedrio.

Mas não tenha desaforo este incêndio a que resisto; já que não apagá-lo, ao menos devo encobri-lo, e negando a seus olhos, eu mesma, cruel comigo, da minha vida farei ao decoro um sacrifício. (Vai-se.)

LEOPOLDO: Só com Carlos me deixai.

ALEXANDRE: (Aparte) Mil iras no peito sinto.

SILVANO: Não posso estar em jejum, [39v] carregado de vestidos.

Vou-me comer que esta gente. suponho, que tem fastio. (Vai-se.)

ALEXANDRE: (Aparte) Este rústico merece
do seu arrojo o castigo,
e para tirar-lhe a vida,
buscarei justo motivo. (Vai-se.)

LEOPOLDO: Carlos.

CARLOS: Senhor.

LEOPOLDO: A ignorância
de Silvano já tens visto.

CARLOS: Não sei que ignorante seja
Silvano, porque é distinto
ser ignorante ou criar-se
no mais rude e agreste estilo.

LEOPOLDO: Quando a emendá-lo te elejo,
adulações não permito,
pois bem conheço a rudeza
que se exercita em meu filho.
Eu, vendo-te tão discreto,
consultar quero contigo
o meio mais oportuno
com que possa corrigi-lo,
em parte, já que no todo
quase incapaz o imagino.

CARLOS: Se de mim confias
esta acção, será preciso [40]
que sem nota de arrojado,
eu te refira o que sinto.

(Aparte) Alvíssaras, coração,
porque tudo vai saindo
favorável aos desejos

de meus amantes delírios.
Interessado em servir-te,
te exponho em termos sucintos
os remédios que presumo
para o seu mal mais activos.
Ele, senhor, desde a infância,
sempre abominou o ensino,
mostrando que o doutrina-lo
é meio de confundi-lo.
Se acaso, às vezes, ostenta
mais acertos no juízo,
aos preceitos não os deve,
sim ao uso repetido
de ver como os outros obram.
Pois ‘inda que a corrigi-lo
não basta a arte, nem pode
penetrar os seus princípios,
a competência costuma
sempre avivar os sentidos,
para dar-lhe os documentos
mais próprios e executivos.
Conveniente seria [40v]
que actos de engenho distintos,
como são jogos curiosos,
políticos silogismos,
vários conceitos, problemas
e versos com artifício,
os visse como encontrados
e não como persuadidos.

Também nos actos brilhantes
dos empenhos discursivos
será justo que eu concorra,
pois vendo-se competido,
se me ouvir encarecer
os atributos altivos
da formosura de Aurora,
ele, talvez destruindo
da rudeza a densa nuvem,
emende os seus desatinos.
Isto é o que me parece.
Se acaso o modo é indigno,
por querer introduzir-me
em tão nobres exercícios,
perdoai-me, que este erro
da obediência é nascido.

LEOPOLDO: Tu, Carlos, em tudo acertas,
são prudentes teus arbítrios,
e a tão sublime conselho
ajustar-me determino. [41]
Para a empresa meditada
é muito próprio este sítio,
e nele, sem mais demora,
tenha a palestra princípio.
Ouça Silvano problemas
e conceitos esquisitos
que despertem vivamente
os seus rústicos ouvidos;
vença na honrada disputa

os assaltos dos delírios.
Já que não pode ensinado,
se corrija competido.
Eu mesmo bem a dispô-lo
por seu mestre te destino,
e por ti serei feliz,
se vejo emendado um filho.

CARLOS: Em nada, senhor, mereço
os teus grandes benefícios,
e queira o céu que, contente,
respire menos aflito.

(Aparte) Deste modo o meu afecto
a Aurora irei descobrindo.

LEOPOLDO: Silvano será ditoso
com mestre tão erudito. (Vai-se.)

CARLOS: Amor meu intento ajuda,
pois se nasci abatido,
não sei que impulso em minha alma [41v]
me infunde alentos altivos. (Vai-se.)

CENA 2.^a

Sai ESMERALDA e depois TARTUFO.

ESMERALDA: Senhor Carlos...Foi-se embora.
Depois que se viu vestido
não fez caso de Esmeralda,
nem mais conversou comigo.
Se ele tivesse a pachorra
de me ouvir quatro carinhos,

talvez que engenhasse o modo
de o conseguir por marido.
Os homens, se nos escutam
quatro meiguices, no cinto
logo caem, e depois dizem
que nós lhe damos feitiços.

TARTUFO: (Saindo) Se este tal meu amo novo
de condição não melhora,
não me falta que sofrer,
e a paciência é muito pouca.
O seu ponto é que lhe tragam
coisa que mastigue e coma,
e se não lho trago logo,
não faltam murros nas costas.

ESMERALDA: Senhor Tartufo que tem?

TARTUFO: Eu, nada, minha senhora.

ESMERALDA: Não tem nada, e está ralhando? [42]

É preciso ter pachorra.

TARTUFO: Aonde há essa fazenda?

Sabe, acaso, aonde se compra?

ESMERALDA: Tem dinheiro para isso?

TARTUFO: Dinheiro sempre me sobra.

O ponto está que o não gaste.

ESMERALDA: (Aparte) Deve ser rico. Bom fora
que ajustasse o casamento
antes dele buscar outra.

TARTUFO: (Aparte) Ouviu falar em dinheiro
e ficou suspensa a moça.

ESMERALDA: Olhe, eu queria dizer-lhe...

TARTUFO: Diga, não tenha vergonha.

ESMERALDA: Que se, acaso, pretendia...

TARTUFO: Vomite, abra bem a boca.

ESMERALDA: (Sisuda) Não digo nada.

TARTUFO: Já sei.

Pretende ser minha esposa.

ESMERALDA: Já sabe que tenho um dote.

TARTUFO: Prometido ou já na bolsa?

ESMERALDA: Dele só tenho promessa.

TARTUFO: Sem o ter, não me faz conta.

ESMERALDA: Entendo que o possuirei
daqui a bem poucas horas.

TARTUFO: Quando esse tempo chegar,
ajustaremos a coisa,

mas olhe que, se casarmos, [42v]

não quero que saia fora.

ESMERALDA: Estar presa?! Deus me livre,
antes não quero ser noiva.

TARTUFO: Então não fazemos nada.

ESMERALDA: (Partindo) Pois, adeus, pouco me importa.

TARTUFO: Venha cá. É bem arisca
tendo tanto de formosa.

ESMERALDA: Que me quer?

TARTUFO: Esse tal dote
o marido é quem o cobra.

ESMERALDA: Hei-de ser eu.

TARTUFO: (Partindo) Nada, nada,
a conveniência é mui pouca.

ESMERALDA: Donde vai? Olhe, eu dizia,

para evitarmos discórdias,
que estivesse na gaveta...

TARTUFO: Não me agrada, e então a côdea?

ESMERALDA: Pois, então, se há-de gastá-lo,
regale-se e coma a sobra.

TARTUFO: (Aparte) A rapariga parece
muito picada e teimosa.

Não se vá. Quer que ajustemos
o negócio de outra forma?

ESMERALDA: Diga e verei se me agrada.

TARTUFO: Parecia-me...

Sai SILVANO.

SILVANO: Que história [43]
é esta por cá de ajustes?

TARTUFO: (Aparte) Pobre de mim.

ESMERALDA: (Aparte) Esta é boa.

SILVANO: Ambos vocês se calaram?
Desconfio da galhofa.

TARTUFO: Eu, senhor, só lhe dizia...

Ai!

SILVANO: Tens medo? Indigno toma. (Dá-lhe.)

E logo pela manhã
quero que te vás embora.

ESMERALDA: Senhor Silvano.

SILVANO: Que queres?

ESMERALDA: Não o despeça.

SILVANO: Ah, cachorra,

pedes por ele! Suponho

que este alarve te namora.

Pois há-de ir bem premiado. (Dá-lhe.)

TARTUFO: Ai, senhor, não farei outra.

(Aparte) Ei-lo vai já do tal dote,

trinta murros levo à conta. (Vai-se.)

SILVANO: Que conversas eram estas?

ESMERALDA: Deixe-me que estou raivosa.

SILVANO: Escuta, minha Esmeralda...

ESMERALDA: Não aturo mais afrontas.

SILVANO: Tem-me amor.

ESMERALDA: Não estou nisso.

SILVANO: Deixa-te querer, teimosa. [43v]

ESMERALDA: De quem não quis atender-me

é bem que os rogos não ouça.

SILVANO: Despreza-me.

ESMERALDA: Venha o dote.

SILVANO: Não to posso dar agora.

ESMERALDA: Também agora não posso

aturar expressões loucas.

SILVANO: Pois, então, como há-de ser?

ESMERALDA: Não sei disso, não me logra.

SILVANO: E tu quem és, que me falas

com palavras melindrosas?

ESMERALDA: Sou criada das criadas

das criadinhas de Aurora.

SILVANO: Muito cedo te adiantaste,

reparo em que estás mais gorda,

depois que entraste em palácio,

a ter laivos de senhora.

ESMERALDA: As nossas correspondências já deram fim.

SILVANO: Ah, traidora!

É possível que te vejo esquiventa e desdenhosa?

A ferir-me nesta espada o teu desdém me provoca, como lá fez não sei quem que se matou com peçonha.

Eu a tiro já da cinta, [44] e ou por vontade ou por força na barriga a meterei até sair pelas costas.

Ninguém ateime comigo, hei-de morrer desta forma, mostrando-te o meu amor. (Faz que se mata com a espada.) Não me acodes?

ESMERALDA: Morra embora, faz muito bem. Para o intento, essa espada é muito própria.

SILVANO: É velha, agora reparo, e tem ferrugem na ponta.

Não morro com folha velha, buscarei coisa mais nova.

ESMERALDA: Lá vem gente. Deixe estar, não falta tempo em que morra.

SILVANO: Ah, desumana esmeralda, tens coração de uma onça!

Saberias quem eu era,
se estivesse com pachorra.

Sai LEOPOLDO, ALEXANDRE, AURORA e FELIZARDA.

LEOPOLDO: Neste sítio, em que uma parte
do seu império tem flora,
divertir-me solícito
da mágoa que me soçobra.
Aqui de assuntos diversos [44v]
abrindo a palestra escolha,
dará lugar a que tenha
a discrição melhor prova.
E Silvano, acompanhando
as porfias engenhosas,
ache para o seu ensino
a mais acertada norma.
O prazer de uma família,
unida em bela concórdia,
um alívio para as penas;
a quem a governa mostra
Carlos também como tanta
viveza de engenho logra;
é muito justo se admita
na acção preclara e lustrosa.

SILVANO: Estou escandalizado!
Só a mim ninguém me louva.
O senhor duque imagina
que sou algum papa-açorda?

ALEXANDRE: (Aparte) Oh, céus, e quando completa
eu veria a minha glória,
seus delírios emendasse
na competência disposta.

ESMERALDA: Eu não me vou, também quero
aprender alguma coisa.

FELIZARDA: (Para Alexandre) De explicar vossos afectos
ocasião tendes agora. [45]

ALEXANDRE: (Aparte) Mais será na explicação
minha desgraça notória.

AURORA: Que ajude, ignorante, o duque
o meu desempenho, e que ponha
meu decoro em tanto aperto
na luta mais perigosa?

Não seja assim, aos agrados
quero impedir a vitória.

(Aparte a Alexandre) Senhor, escutai-me. Eu devo,
por nobre esplendor da honra,
advertir-vos que é deslustre
o permitir que concorra
também Carlos.

LEOPOLDO: Já percebo.
Por digno o meu gosto o aprova,
e o que eu aprovo imagino
que deve agradar a Aurora,
pois no que erro te parece
grande mistério se encontra.

AURORA: Teu gosto leis me destine.
(Aparte) Já livre o pundonor;

agora meu cego amor
a minhas acções domine,
pois resistindo no efeito
de afectos tão divididos,
possa escusar os ouvidos,
mas não reger o meu peito. [45v]

LEOPOLDO: Comece o que está disposto.

Todos vos podeis sentar. (Sentam-se.)

SILVANO: E havemos aqui ceia?

ESMERALDA: (Aparte) Só o comer lhe dá gosto.

LEOPOLDO: Ministre um jogo o interesse
desta engenhosa porfia.

SILVANO: Que belas coisas diria,
se antes do jogo comesse.

CARLOS: Para as acções pretendidas,
eu o jogo inventarei.

SILVANO: Por mim, vá, mas eu não sei
senão o das escondidas.

CARLOS: Os quatro elementos são
donde o jogo tem o engano,
com a água fique Silvano.

SILVANO: Sem comer, faz obstrução.

CARLOS: Seja de Alexandre a terra,
de Felizarda o ar; no jogo
eu para mim tomo o fogo
(aparte) pois tanto meu peito encerra.

E quando se nomear
propriedade ou fruto, atento
fale no seu elemento

aquele a quem lhe tocar;
pague uma prenda o culpado,
erre ou acerte discreto,
dentro do seu mesmo afecto, [46]
diga em que foi obrigado
em errar ou acertar, e seja
de Ícaro o triste despenho.
Assunto ao jogo. (Aparte) Já tenho
donde o meu amo se veja.
Aurora, como isentada
de afecto, o caso divulgue,
e por discreta nos julgue
na contenda declarada.

AURORA: ‘Inda que não elegi
o jogo, por ser discreto,
tomo a meu cargo o segui-lo.

ESMERALDA: (Aparte) se for bom, quero aprendê-lo.
A mim não me pilha Aurora,
‘inda que busque rodeios,
pois tenho o juízo agudo
como uma bola de ferro.

AURORA: Dédalo, artífice grande,
que suprimindo o altivo peso,
da natureza causou
ao Mundo assombro perpétuo,
querendo fugir da torre,
em que por Minos foi preso,
com seu filho Ícaro, quis,
engenhosamente destro,

descobrir para voar
o mais esquisito meio. [46v]

Soube compor umas asas,
e gozando o privilégio
que vemos nas aves...

FELIZARDA: Ar,
e direi o fundamento
de não ter agora errado,
dentro do meu próprio afecto.

A dita que me convinha
mudança a sorte lhe deu,
pois inconstante nasceu
somente porque era minha.

Não conhecendo a mudança
nos desejos de alcançar,
vejo a esperança no ar
e vou atrás da esperança.

LEOPOLDO: Bem satisfez.

SILVANO: Eu não caio
nestes dez anos primeiros;
estou posto em cima da água
e sei nadar como um prego!

LEOPOLDO: Prossiga o jogo.

AURORA: Prossigo.

Os dois, com voo seguro,
à fugida se entregaram.

Porém, Dédalo mais perto
caminhava das espumas...

SILVANO: Vinho. [47]

ESMERALDA: (Aparte) Há maior destempero?!

LEOPOLDO: Silvano, hás-de dizer água.

SILVANO: Não falo no que não bebo.

Se disse vinho, está dito,
e respondi com acerto.

CARLOS: Erraste. Dize a razão
que tiveste para o erro.

SILVANO: O conceito tem caminho,
não há dúvida nenhuma,
pois se faz a água espuma
também faz espuma o vinho.

Como sem ceiar estou,
entregue a profunda mágoa,
esqueceu-me a espuma da água
e a do vinho me lembrou.

ALEXANDRE: Deve ter algum castigo.

AURORA: Diga Silvano alguns versos
em pena do seu descuido.

SILVANO: Comigo os trago, e são feitos
de propósito a Esmeralda
por um amigo que tenho.

CARLOS: Qual é o assunto?

SILVANO: Não sei
o tal assunto... Eu o vejo. (Tira um papel.)
É dar-lhe um grande elogio.

ESMERALDA: (Aparte) Escutemos este obséquio.

SILVANO: O princípio é por louvor. [47v]

Deus te guarde bela luz,
e logo abaixo lhe pus,

ilustríssimo senhor.

ALEXANDRE: A Esmeralda? Isso é loucura.

SILVANO: A Esmeralda, pois que temos?

Antes só para as mulheres tramanto.

FELIZARDA: (Aparte) Não posso suster o riso.

ESMERALDA: (Aparte) Não vi maior despautério.

SILVANO: Tratei-a com cortesia,

e logo décima em verso:

Esmeralda, se aparece

ao longe, é muito asseada.

Porém, de perto observada,

muito porca me parece;

por suja pouco merece,

por asseada recreia.

Mas quando a feroz ideia,

de um gato assanhado imita,

para si será bonita,

para mim é muito feia.

ESMERALDA: (Aparte) O louvor é muito filho

do seu claro entendimento.

SILVANO: O elogio ‘inda foi curto,

eu nele só disse o menos.

ESMERALDA: Não se moleste, é bastante.

Mais elogio dispenso. [48]

(Aparte) Se estes senhores o aturam,

eu aturá-lo não quero. (Vai-se.)

LEOPOLDO: Prossegue, Aurora.

AURORA: Prossigo.

Ícaro, enfim, mais soberbo,

os perigos desprezando,
gala do risco fazendo,
se remontou às esferas,
com tão altos pensamentos.

CARLOS: Fogo.

AURORA: Tens errado, Carlos,
pois respondeste sem tempo.
Eu não disse coisa alguma
que toque ao teu elemento.

CARLOS: É verdade, e a razão digo
dentro do meu próprio afecto.

SILVANO: (Aparte) Se continua esta arenga,
muito tarde cearemos.

CARLOS: Como outro Ícaro invencível,
sigo do sol um treslado,
a quem me atrevo elevado,
com voo mais impossível.
Escutei essa vaidade
com que ele buscava o fogo,
e descuidado do jogo
só me elevei da verdade.

AURORA: Vós, Carlos, deveis a pena. [48v]

Porém, agora a suspendo
até que outro também erre,
e algum problema discreto
será dos dois o castigo,
adonde nos argumentos
verei quem prova melhor
o ditame do seu peito.

Ícaro subiu tão alto
no seu ignorante empenho,
que quase desconhecido,
passando de extremo a extremo,
a chama tocou, a chama.

Carlos, outro erro tens feito,
pois quando em chama falei,
calaste o teu elemento,
e de dois erros opostos
culpado te considero,
por calar e por falar.

CARLOS: Sim, porque é tal meu tormento
que fico errando se o calo,
e se o publico mais erro.

AURORA: Para o problema o castigo
dos teus descuidos reservo.

Derretida pois as asas,
e perdido o movimento,
caiu na parte onde as flores
gozam império. [49]

Flores, Alexandre errou,
pois as flores, como vemos,
nascem da terra.

ALEXANDRE: É verdade,
mas tem razão o meu erro.

Eu quero a quem merecer
por impossível reputo;
espero, mas todo o fruto
é somente padecer,

e se a esperança em temores
ao vento quis se elevasse,
não é muito que ignorasse
o meu elemento as flores.

SILVANO: Na disputa impertinente
deste longo passatempo,
só eu brilho, porque os outros
todos são forte jumentos.

Mas esta ceia já tarda
e é grande a fome que tenho.

AURORA: Seja nos dois o castigo
este problema mais amando,
e à fé deixa mais feliz
aquele que a pena diz
ou o que pena calando?

ALEXANDRE: Que mais merece o que cala
direi no meu argumento.

CARLOS: Eu, que quem o amor publica [49v]
mais merece, fareis certo.

SILVANO: Esta gente gosta muito
de estar ralhando ao sereno,
mas eu sem barriga cheia
não posso tomar o fresco.

LEOPOLDO: (Aparte) Aurora, estou empenhado
em que Carlos sempre vença;
por ele darás sentença,
pois importa ao meu cuidado.

AURORA: (Aparte) O duque meus pensamentos
em novo combate iguala.

ALEXANDRE: Provo que obriga quem cala,

e estes são os fundamentos:

quem ama por merecer

o mérito faz menor,

porque, esperando o favor,

se cansa de padecer;

o que cala a nada aspira,

e é tão nobre o seu cuidado

que goza em viver calado;

domínio sobre a mentira,

com mais vivo ardor, se inflama

quem se abrasa lentamente,

pois o incêndio que a alma sente

tem desafogo na chama.

O que não cala procura

obter algum interesse, [50]

e expressar o que padece

é fazer do amor usura;

à fé, se desacredita

na queixa, e quem, declarando,

do seu mal se está queixando

sair do mal solicita.

Enfim, o calar aceito,

pois quem não diz seu ardor

obriga com o respeito.

CARLOS: Quem se cala e a voz limita,

sem dar a pena a entender,

em lugar de merecer,

sua dor desacredita,

pois calar a inclinação,
e nela saber vencer-se,
é querer a alma fazer-se
mais grande do que a paixão.
Nada o silêncio merece,
que em uma pena imortal,
quem pode calar seu mal
deslustra quanto padece,
a fé em dúvidas deixa,
pois no martírio violento
é diminuto o tormento
quando qualquer não se queixa.
Sempre o rogo foi maior
e mais grato sacrifício, [50v]
e ao céu encontra propício
um clamor e outro clamor.
Guardar a verdade oculta
é em favor do respeito,
mas o devido conceito
do seu amor dificulta.
Quem o perigo repara
isento está de que errasse,
porque se eu me declarasse
meu amor se acreditara.
E assim falar elegeu
minha fé, pois neste intento
não tem parte o meu tormento
que não seja maior que eu.

ALEXANDRE: Pois a fineza empenhar

não é no amor desmentir-se?

CARLOS: Não, que pode referir-se
sem o favor esperar.

ALEXANDRE: Mas achando-se obrigado,
o que fala a fé desdiz.

CARLOS: Amor por quem sou feliz,
Porque hei-de tê-lo ocultado?

ALEXANDRE: Na alma se deve esconder.

CARLOS: Quem o expressa mais obriga.

LEOPOLDO: Permitti que Aurora o diga.

AURORA: Pois se eu o devo dizer,
julgo, segundo comprova [51]

a subtileza que ocorre
que Alexandre bem discorre,
porém, Carlos melhor prova.

ALEXANDRE: Isso é dar-lhe de engenhoso
os lauros.

AURORA: E a vós de atento.

ALEXANDRE: Disputas do entendimento
têm um fim dificultoso. (Levanta-se.)

Se Carlos ficou triunfando,
o lauro tenha somente.

SILVANO: Senhor, Carlos certamente,
que me vou já enfadando;
só vossa mercê quer brilhar!

Isto parece insolência.

LEOPOLDO: (Aparte) Carlos, já na competência
se começa a provocar.

CARLOS: (Aparte) Sim, senhor.

LEOPOLDO: Não deve um jogo
originar desacertos.

Venha Alexandre comigo.

AURORA: (Aparte) Que o duque menos discreto
ajude a aumentar-se a chama
que se nutre no meu peito!

LEOPOLDO: (Aparte) Quanto feliz me veria
se com estes documentos,
para obrar mais acertado,
meu filho tomasse exemplo. (Vai-se.) [51v]

SILVANO: Se não me dão de cear,
à cozinha vou correndo,
e nas questões dos guisados
provarei até comê-los. (Vai-se.)

ALEXANDRE: (Aparte) Tudo quanto me sucede
é contrário a meus intentos. (Vai-se.)

FELIZARDA: A esperança de triunfar
‘inda de todo não perco. (Vai-se.)

AURORA: (Aparte) Muito tirano e cruel
foi comigo este preceito,
pois sinto que o meu decoro
cede às violências do incêndio. (Quer retirar-se e Carlos a suspende.)

CARLOS: Senhora!

AURORA: Que me quereis?

CARLOS: Eu perguntar-vos só quero
se deve qualquer amante,
sem ofensa do respeito
à beleza que idolatra,
referir o seu affecto?

AURORA: (Aparte) Com rebuço me consulta.

A opinião que sustento
é que quem diz seu amor
é atrevido ou é néscio.

CARLOS: Se o vosso conceito é esse,
não tenho mais que dizer-vos.

AURORA: Nisso andareis advertido,
porque os amantes feitos [52]
as consequências de um jogo
nunca fazem verdadeiros.

CARLOS: Já me vou... Mas eu queria...

AURORA: O quê? Falai.

CARLOS: Mostrar certo
que por vós de amor me abraso.

AURORA: Suspendei o louco excesso
dessas vossas ousadias.

Com justo agravo me ofendo.

(Aparte) Muito me custa no enfado
conservar o fingimento.

CARLOS: Se com desgosto vos sinto,
terei neste amor segredo.

AURORA: Ser atrevido deslustra
as condições de discreto.

CARLOS: Porém, dizei-me, senhora,
é justo viver morrendo?

AURORA: O melhor será deixar-vos... (Partindo.)

CARLOS: Esperai! É ofender-vos
o amar-vos? Dizei!

AURORA: O amar-me

por dura ofensa não tenho.

Porém, o dizê-lo, Carlos,

é ousado atrevimento.

CARLOS: Logo adorar-vos bem posso,
guardando o amor em silêncio.

AURORA: Esse mal posso impedi-lo. [52v]

CARLOS: Nunca sairá do meu peito
este amor que vos tributo.

AURORA: E isso é calá-lo ou dizê-lo?

Basta de insultos, deixai-me!

CARLOS: Isto é, Aurora, estar cego.

AURORA: Isso é, Carlos, estar louco,
e como louco vos deixo.

CARLOS: Mal haja a minha humildade!

AURORA: Oh, mal hajam os meus respeitos!

AMBOS: Pois nos impulsos do agrado
vejo crescer o tormento. (Vão-se.)

ACTO 3.º

CENA 1.ª

Sala

LEOPOLDO e CARLOS.

LEOPOLDO: Carlos, tens visto e observado
de Silvano a pouca emenda?

E que ò rústico juízo

não lhe avivam as competências?

No descuido e no cuidado

se turva, e não aproveita

ao seu mal algum remédio,
antes com eles se aumenta.
Não só um mármore admite
do ferro a dura violência; [53]
porém, aos contínuos golpes
de uma mais débil matéria,
sem que a doutrina lhe assista,
sem arte lavrar se deixa.
E só em minha desgraça,
para ter mais viva pena,
se frustram em Silvano todas
as prudentes diligências.
Tão confuso me diviso
que a precisão me aconselha
a dar Aurora a Alexandre
pela grande conveniência
que se segue ao meu estado.

CARLOS: (Aparte) E a mim a injusta sentença
de morte nas fatais núpcias.

LEOPOLDO: ‘Inda que ingrato pareça
destituindo a meu filho
do nobre estado e grandeza,
a sua incapacidade
é tanta que já me empenha
na execução deste intento,
fazendo à minha alma ofensa.

CARLOS: Senhor. (Aparte) Neste caso a indústria
é precisa, ‘inda que tenha
a minha infalível morte

um breve instante de espera.
Hoje encontrei a Silvano, [53v]
deposta a fatal demência,
escrevendo para Aurora
uma carta, e ‘inda que nela
não mostra razões mui vivas,
ao menos são muito atentas,
pois não usa dos delírios
que em outros lances ostenta.
Eu, com desejos de a ler,
para observar o que expressa,
lha tomei e aqui a trago.
(Aparte) Mas disposta em tal ideia
que o meu amor com rebuço
divide em duas sentenças,
sem que suspeitas motive
por ser de Silvano a letra. (Entrega-lhe um papel.)
LEOPOLDO: Terei gosto de observá-la.
Porém, como Aurora chega,
a glória desta notícia
será justo que me deva.
Quero entregar-lha, e contente
ficarei quando conheça
que já se emendou Silvano
na sua fatal rudeza.

Sai AURORA.

AURORA: (Aparte) Carlos está com o duque.

Oh, céus, por mais que deseje
fugir minha alma aos combates, [54]
dos assaltos não se isenta.

LEOPOLDO: Aurora, deste papel
queria fazer-te entrega.

AURORA: Que contém?

LEOPOLDO: É uma carta
de Silvano. Nela observa
se já dos tristes delírios
a indigna opressão desterra.

Para ti vem dirigida,
e a sua frase discreta,
se é abonada por Carlos,
deve ter toda a decência.

CARLOS: Sim, senhor, no seu estilo
é digna de que se veja.

LEOPOLDO: Examina o que te escreve,
julgando se já na esfera
do seu rude entendimento
cabe alguma inteligência,
e terei gosto se for
do teu agrado o que expressa.

(Aparte) Basta que, atento, te explique.

AURORA: Desta sorte me corteja.

(Lê) Carlos este papel deve entregar-vos
por quem no seu temor, triste, suspira,
sendo muito impossível obrigar-vos
naquela ardente fé, onde respira.

Não espero jamais capacitar-vos [54v]

e elejo o padecer, sem que o refira,
que, se acaso o nascer eu escolhera,
meu amor outro mérito tivera.

LEOPOLDO: As expressões que refere
não mostram toscas ideias
e da sua correção
alguns sinais manifesta.

Esse efeito por milagre
julgo da tua beleza,
pois conseguiu o que o ensino
nunca conseguir pudera.

A Carlos devo este gosto
e se ele, feliz, o emenda,
como se fora meu filho,
logrará toda a grandeza.

Vou buscá-lo e será justo
que em meus braços lhe agradeça
o corrigir seus defeitos,
emendando as negligências.

Um novo procedimento
Só fará com que mereça
a ventura sublimada
que o consórcio lhe reserva,
pois não devo permitir,
suposto o meu sangue tenha,
que a mão de Aurora consiga
quem se mostra indigno dela. (Vai-se.) [55]

AURORA: (Aparte) Fugir de Carlos desejo.
Porém, com fatal cegueira,

minha alma para a fugida
o caminho não acerta.
Não o busco, e é crueldade
que das suas mesmas penas
a minha alma, por altiva,
cúmplice sempre se veja.

CARLOS: D.^a Aurora, esse papel,
se acaso me dais licença,
desejo ler, porque o trouxe.
Vós o que nele se encerra
não entendesteis; vereis
como a expressão é diversa
e em favor de outro cuidado.
O sentido diferencia.

AURORA: Aqui o tendes.

CARLOS: Senhora,
este amoroso sistema
por vós foi lido, inculcando
mais simples inteligência. (Lê Carlos este, etc.)

Deste modo é de Silvano,
porém, meu desta maneira.
(Aparte) Farei que os meus sentimentos
nestas expressões entenda.

(Lê) Carlos neste papel deve entregar-vos
Um coração que, tímido, suspira, [55v]
pois a vítima fez para obrigar-vos
da parte onde amor arde e a fé respira.
Do sacrifício quer capacitar-vos
e lhe impede; um mérito escolhera,

se no berço infeliz poder tivera.

AURORA: (Aparte) Que o mesmo que só me agrada
seja o mesmo que me ofenda.

Quando li esse papel,
achei-lhe expressão diversa.

CARLOS: A desgraça de ser meu
fez mudar-lhe a natureza.

Aqui está. (Aparte) Serei ditoso
se acaso o papel aceita.

AURORA: Eu já não devo aceitá-lo.

CARLOS: A causa saber quisera.

AURORA: Como não é de Silvano
justissimamente cessa
o preceito de Leopoldo.

CARLOS: (Aparte) Saiu mal esta experiência.

Ele em nada vos ofende;
o mesmo sentido leva
do projecto de Silvano.

Lede-a da forma primeira
por que a aceitação não faz
ao vosso decoro ofensa.

AURORA: Carlos, deixai-me advertir
que tem mais delicadeza [56]

a honra que a urbanidade.

É inútil diligência

querer que o papel aceite,

pois quando por vós o leia,

ainda que bem me agrada,

é lei que mal me pareça. (Vai-se.)

CARLOS: Triste amor! Tu me conduzes
neste mar de tantas penas,
adonde os sinais do porto
mostra mais feroz a tormenta.

Sai TARTUFO.

TARTUFO: Senhor, acuda!

CARLOS: Que tens?

TARTUFO: Não tenho, acuda depressa.

CARLOS: Donde? Acaba de explicar-te;
em confusão não me tenhas.

TARTUFO: Eu digo: o senhor Silvano,
repare bem nesta asneira,
quer que Esmeralda com ele
se case, e que logo seja,
sem saber se a rapariga
tem feito a outrem promessa.

Sai SILVANO atrás de ESMERALDA.

ESMERALDA: Deixe-me, senhor Silvano,
não aturo impertinências!

SILVANO: Carlos, suspende Esmeralda,
essa tola sendo bela, [56v]
depois que deu em fugir-me,
tem a cara muito feia.

CARLOS: Que é isto? Vós, descomposto?

SILVANO: Mereça-te esta fineza.

TARTUFO: Senhor, suspenda os furores.

SILVANO: Segura tu também nela.

CARLOS: Esmeralda não te foge.

ESMERALDA: Fugi, sim senhor!

CARLOS: De quê?

ESMERALDA: Da sua louca imprudência.

CARLOS: Silvano, que é isto?

SILVANO: Uma ânsia

que não posso... Conhecê-la,

fazendo-lhe doacção

das minhas casacas velhas,

e diz que não a tolinha,

muito sisuda e direita.

CARLOS: Esmeralda bem conhece

que neste palácio é serva

e que tu és seu senhor,

a quem humilde respeita.

ESMERALDA: Mais de mil vezes lhe estive

pregando com essa arenga,

mas ele nada atendia.

TARTUFO: Nunca tive amo mais besta!

CARLOS: Amor, vamos ensaiar

entre affectos a paciência, [57]

pois também é contra mim

esta pertença funesta. (Vai-se.)

SILVANO: Esmeralda, não te deixo,

se este escrito não me aceitas.

TARTUFO: Senhor, deixe a rapariga.

SILVANO: No que faço não te metas,

e se vens com petições,
o despacho em murros levas.

TARTUFO: (Aparte) ‘Inda assim, por segurança,
vamos guardando a cabeça.

ESMERALDA: Isso já passa de extremo!
Eu ao duque farei queixa,
para que ele ponha cobro
na sua pretensão néscia.

SILVANO: Que me importa a mim o duque?
Para mim, isso é arenga.

Hás-de aceitar este escrito
ou morro se me desprezas.

TARTUFO: Tenha juízo.

SILVANO: Não quero,
o que tenho me sobeja,
e não me digas mais graças,
se queres braços e pernas.

TARTUFO: (Aparte) Iroso cá para longe!
Não quero ficar maneta...

Guarda pés sempre no caso.

ESMERALDA: Isso já parece teima. [57v]

Senhor Silvano discorra
nessa acção que obrar intenta.

Eu sou serva e tem consorte
tão nobre como perfeita.

Não pode ser meu esposo,
porque o céu assim o ordena,
e esse escrito pode dá-lo
a quem tenha igual nobreza.

Sempre quero ser leal
a quem me manda e governa;
cuide em ser mais advertido,
pois se essa teima conserva,
pode ser que, com enfado,
lhe diga menos atenta:
«Caiba dentro de si mesmo
e a ser mais sisudo aprenda».

SILVANO: Nunca te vi como agora
melindrosa e rabugenta.
No palácio tens criado
uma fofice estupenda.
Torna a dizer outra vez
o remate da perlenga.

ESMERALDA: Não só uma vez, mas trinta
lha pregarei nas bochechas:
Caiba dentro de si mesmo
e a ser mais sisudo aprenda. (Vai-se.)

TARTUFO: Bom recado lhe pregou! [58]
Abençoada tu sejas!
Tenho mulher de governo,
é a honra das cozinhas.
Desta vez, fica de todo
meu amo novo pateta.
Mas eu vou-me antes que a raiva
caia em mim desta desfeita. (Vai-se.)

SILVANO: Mau! Aquela palavrinhas
lá tem a sua etiqueta.
Discorramos como gente

e pesemos esta arenga...
«Caiba dentro de si mesmo»...
Não deixa de ser inveja,
isto foi querer dizer-me
que tenho gordura imensa
e que dentro em mim não caibo
por ter a barriga cheia.
Discorramos: ela adverte
que a ser mais sisudo aprenda...
o meu grande atrevimento...
Esta palavra me churra.
Pois atrevida, insolente,
malcriada, fedorenta!
Um príncipe como eu sou
há-de andar com sisudeza,
não há-de rir? Sempre és tola,
incivil e lambareira! [58v]
É justo que tal injúria
perpétua vingança tenha!
O escrito de casamento
eu o darei à primeira
que, passando pela rua,
me vir posto à janela.

Sai LEOPOLDO e AURORA.

LEOPOLDO: Silvano, porque te enfadas?

De que nasce essa impaciência?

SILVANO: Esmeralda, sem respeito,

falou-me um pouco nojenta,
quando lhe fiz este escrito
para casar-me com ela.
Mas estou desta loucura
arrependido de veras,
e, por vingança, o darei
a qualquer que me apareça.

AURORA: (Aparte) Quem viu loucura maior?!

LEOPOLDO: (Aparte) É agradável a emenda
que no seu entendimento
Carlos achou manifesta...
Vejamos, Silvano, o escrito.

Nas tuas inadvertências
já fazes que o meu amor
em aversão se converta.

SILVANO: Se o quer ler, seja com pausa,
porque tem coisas discretas. [59]

AURORA: (Aparte) A discrição não se encontra
adonde há tanta rudeza.

LEOPOLDO lê: Digo eu, Silvano etc., que dou palavra a Esmeralda de casar para sempre com ela, a metade logo e a outra metade dentro de um ano, depois de se fazer este escrito, por achar-me com alguns empenhos e não atrever-me a toda a libré de uma vez. E que esta escritura, com força de escrito de casamento, seja firme e irrevogável, por ter sido feita entre vivos. E esta é minha última e derradeira vontade, reservando para mim o direito de desfazer este casamento todas as vezes que me enjoar, e eu, o dito Silvano, estive presente quando o escrevi.

AURORA: (Aparte) À vista destes delírios,
o duque verei mudado.

LEOPOLDO: Este escrito não traz firma.

SILVANO: Não ter firma foi recato,
e só lha queria pôr
depois de passar um ano.

LEOPOLDO: Enfim, Silvano, a Esmeralda,
sem cautela nem reparo,
te prometes em consorte?!

SILVANO: Eu bem conheço o que faço.

A rapariga é galante, [59v]
é linda como um macaco!
Que é Aurora? Cem Auroras
não lhe chegam ao seu sapato,
pois tem uns olhos que sempre
lhe estão saltando dos cascos;
os pés calçam doze pontos,
e se os lava, por acaso,
calça quatro pontos menos,
pois lhe saltam fora os calos.
Venha o escrito.

LEOPOLDO: Certamente,
que já de sofrer acabo
essa fatal ignorância,
de que vos vejo cercado.
Porém, nesta repreensão
inutilmente me canso,
que para mais advertências
em nada capaz vos acho.
Ide-vos, que o amor de pai
de tal sorte ides mudando

que a mim próprio me abomino
por ter um filho insensato.

Ide-vos embora. (Rasga.)

SILVANO: Sim,
eles se iram; forte caso,
por um escrito somente
quer mostrar-se amofinado! [60]

LEOPOLDO: Fugi da minha presença!

SILVANO: Fugirei! Depressa abalo!
Não é bom modo de gente
fazer-me o escrito em pedaços,
que se o não rasgasse, agora
estaria de cavalo. (Vai-se.)

AURORA: (Aparte) Respire em vozes a queixa,
e agora que mostra enfado
com Silvano, nos intentos
mais prudente hei-de encontrá-lo.
Senhor, a clara experiência
da rudeza de Silvano
pode evitar-me a desgraça
que promete o injusto laço.
Desculpai-me, compassivo,
se resoluta vos falo,
pois a razão que me assiste
é tanta que, impacientado,
solicita o meu decoro
sair em queixas aos lábios.
Eu renuncio às grandezas,
eu, senhor, não quero estado

que, custando-me mil sustos,
é tormento e não descanso;
‘inda o morrer fora dita,
porém, viverei penando,
e à minha vida coubera [60v]
um martírio dilatado...

Permiti que assim vos fale,
pois só intento lembrar-vos
que fazeis uma injustiça
neste consórcio tirano.

Mas, se acaso, é vosso gosto
ver-me morrer, eu vos faço
da minha vida infeliz
sacrifício voluntário.

LEOPOLDO: Não, D.^a Aurora, cuja cedo,
e de oferecer-te só trato
esposo que te merece
nos sublimes predicados.
Será o duque Alexandre
quem logre o favor preclaro
da tua mão, e presumo
que é a escolha que faço.
Ele iguala as opulências
que do céu estás gozando,
e a tua eleição não deve
arriscar-se neste caso.

De Silvano logre a dita,
já que o destino contrário
da tua mão a ventura

lhe tirou para meu dano.
Que dizes? Não me agradeces
o benefício tão alto [61]
de livrar-te de meu filho?
No teu silêncio reparo,
que te suspende?

AURORA: Eu, senhor,
ao vosso gosto consagro
minha vida. (Aparte) Amor cruel,
desvia do peito a Carlos.
Mas se hei-de falar verdade,
como o fado desumano
de vosso filho me priva,
quisera tanto estimá-lo
que não me chamasse alheia
já que sua me não chamo.

LEOPOLDO: Isso como pode ser
se estas núpcias apressando
estão justíssimas causas?
E só por seus dotes raros
pode ser divino³ Alexandre
deste venturoso laço...
Silvano, por muito indigno,
tu não deves respeitá-lo.
Tens esposo, e destas núpcias
irei dispor o aparato.
Mas ele chega, ouvira

³ Uma hipótese de leitura mais previsível, em termos sintático-semânticos, seria “digno”. É plausível que se trate de um erro de cópia.

o que temos consultado?

AURORA: Como temo que Alexandre,
por vingança ao seu agravo, [61v]

me rejeite, não é justo

que fique presenciando

o ultraje. Dai-me licença

que me retire ao meu quarto.

(Aparte) Quisesse o céu que este intento

tivesse algum embaraço,

porque vive na minha alma

outro afecto dominando. (Vai-se.)

Sai ALEXANDRE.

ALEXANDRE: Conspira tiranamente
contra mim o injusto fado...

Porém, aqui está Leopoldo,

devo ocultar-lhe o meu pranto.

LEOPOLDO: Alexandre, eu vos buscava
por ter a glória de dar-vos

notícia de uma ventura

para vós de gosto estranho.

ALEXANDRE: Se é dizer-me que se faz
o casamento tratado

de Silvano com Aurora,

tanto o vosso gosto aplaudo

que, ainda sendo o consórcio

a meus desejos contrário,

contente dou a mim mesmo

o parabém de escutá-lo.

LEOPOLDO: Do meu intento estais longe.

Não se desposa Silvano, [62]

pois de remédio ao seu mal

já vivo desconfiado.

As alvíssaras que pede

esta nova que vos trago

deveis dar-me, pois de Aurora

digno consorte vos faço.

ALEXANDRE: Ainda não posso crer

que me vejo afortunado!

Permiti, senhor, que beije

vossos pés por favor tanto.

LEOPOLDO: Não, amigo, antes é justo

receber-vos nos meus braços.

À minha avançada idade

dareis sossego e descanso.

ALEXANDRE: Minha alma, de tantos sustos,

com esta dita restauro;

e cresce a glória à medida

dos passados sobressaltos.

LEOPOLDO: Em Ferrara se publique,

e veja-se nos aplausos

compelido o meu prazer,

pois já que um filho não acho

capaz deste gosto, quero

com mais acerto empregá-lo

em quem como vós consegue

digno apreço em meu agrado.

ALEXANDRE: (Aparte) Oh, ventura! E será certo [62v]
que as núpcias de Aurora alcanço?
Porém, não contemplo o duque
capaz de traição e engano.
Senhor, vou dispor, contente,
dessa palavra animado,
as festas, que à minha dita
devem ser digno aparato.
E, aspirando aos impossíveis,
como impulsos necessários,
farei que os contentamentos
se igualem com meu cuidado. (Vai-se.)
LEOPOLDO: Com estas núpcias seguro
o sossego aos meus estados.

Sai CARLOS.

CARLOS: Senhor, se me dais licença,
vos direi...
LEOPOLDO: Se por Silvano
me falais, já não é tempo
de ouvir-vos nem escutar-vos,
pois nele emenda não sinto.
Estou já determinado
a seguir melhor acordo
esta noite desposando
Alexandre com Aurora.
CARLOS: (Aparte) Que escuto? Fado tirano!
Eu, senhor, não pretendia...

quando vim... (Aparte) Mal respirando [63]
me diviso e sem alentos.

LEOPOLDO: Que pretendeis? Sossegai-vos.
Mudais de cor! A notícia
vos assusta? Dizei, Carlos.

CARLOS: Sinto que Silvano perca,
por causa do agreste trato,
uma ventura tão grande,
porque, como nos criámos,
vive em mim aquele afecto
que no sangue é praticado.

LEOPOLDO: E que quereis?

CARLOS: (Aparte) Já diviso
meu coração em desmaios,
e me vejo neste golpe
confuso e desesperado.

Que désseis, senhor, licença
a meu pai para falar-vos,
pois, no seu desassossego,
com certeza tem mostrado
ser importante negócio
que deve comunicar-vos.

LEOPOLDO: Dizei-lhe que entre.

CARLOS: Roberto,
o duque, liberto, o paço
vos tem concedido, entrai.
Mas se acaso não me engano,
sem dúvida, foi-se embora, [63v]
pois o busco e não acho.

Roberto já se ausentou...
Em que teria embaraço?
Quando eu entrava, o deixei
junto da porta esperando.

LEOPOLDO: Foi ilusão, que assombrado
não vedes aquilo mesmo
que estais vendo. Reportai-vos,
cobrai o sossego antigo,
pois ainda que Silvano
de meu estado a grandeza
tenha perdido, vós, Carlos,
sempre em meu amor tereis
protecção e digno amparo.

CARLOS: De que serve esta ventura,
se perco o bem que idolatro,
um verdugo no meu zelo
perpetuamente observando?
É possível que Alexandre
goze Aurora? Infeliz Carlos,
desta dita te separa
o teu nascimento baixo.
De que te serve o ter vida,
se perdes o bem amado?
Não, emenda o teu destino
o triste alento exalando,
um golpe evite a desgraça [64]
de sentires maior dano,
e da fé um claro exemplo
te fique neste palácio. (Quer ferir-se a tempo que sai Aurora e o suspende.)

AURORA: Suspende! Carlos, que fazes?

Deixa o instrumento ofensivo.

CARLOS: Senhora... Mas de que serve
desculpar os meus delírios?

O que faço eu mesmo o ignoro.

AURORA: Vós delirando? Que é isto?

CARLOS: Isto é irritar o vento,

esse império cristalino;

combater contra o rochedo

a violência de um navio;

abrasar, violento, um raio

a pompa de um edifício...

Isto é desesperação,

pois tem os mesmos arbítrios

querer-vos sem esperança,

arder por vós sem alívio,

ver o bem sem alcançá-lo,

e dando-me o céu esquivo

a sede para os ardores,

ter-me o cristal impedido.

AURORA: Que dizeis, Carlos? Vós néscio,

duplicando os desatinos?

Assim, em minha presença,

vos explicais, atrevido? [64v]

(Aparte) Oh, céus, estou condenando

o mesmo que solicito!

Combato contra o desejo,

e, sem dúvida, comigo

com maior força peleja

oculto impulso preciso.

CARLOS: Pois, senhora, de adorar-vos
me quereis fazer indigno?

Se erro, ao céu obedecendo,
só nele está o delito.

Pudera o céu ofender
quem vendo o dia luzido
na triste noite deseja
que amanheça o sol em giros!

Pois se eu de um esquecimento
em a noite me diviso,
que culpa tenho em querer
observar o sol luzindo?

Eu não desejo que saia
só para meu benefício,
que saia para outro só
choro com tristes gemidos.

Vós vos casais esta noite,
e se hei-de morrer aflito,
ir quero adonde me mate,
de perder-vos o martírio
e não ver-me desprezado... [65]

Pois se nasci abatido,
não quero acabar de humilde,
podendo morrer de fino.

Adeus, Aurora, e se tanto
honesto amor se faz digno
de algum agradecimento,
por piedade vos suplico

que o dilateis até quando
tão longe esteja de ouvi-lo
que possa matar-me o raio
sem o estrondo repentino. (Querendo ferir-se.)

AURORA: Espera, Carlos, detém-te!

CARLOS: Senhora!

AURORA: Loucos desígnios,
oculta paixão, que nunca
sei conhecer-te os motivos.

Que me queres?

CARLOS: Que mandais?

AURORA: Que suspendeis o retiro!

(Aparte) Ai de mim, que proferi?

Não é acerto impedi-lo.

CARLOS: Porventura, esse embaraço
é efeito compassivo?

AURORA: (Aparte) É possível que obedeça
à lei do meu alvedrio?

A uma cegueira incauta,
cujo influxo não distingo? [65v]

CARLOS: Que dizeis?

AURORA: Que não vos mando

Retirar, só vos aviso
que o ver-me outra vez será
buscar o vosso castigo.

E depois de uma vingança...

(Aparte) Oh, céus, quando tal profiro,
contra mim mesma um verdugo
tiranamente fabrico

e o coração, repugnando,
dentro no peito examino. (Partindo.)

CARLOS: Atendei-me!

AURORA: (Aparte) Vou sem mim,
e até parece me falta
a clara luz do juízo. (Vai-se.)

CARLOS: Senhora, oh, céus, escutai
dos meus ardentes suspiros
os tristes ecos, que os passos
vos vão ligeiros seguindo...
Ai de mim! Amada Aurora,
encanto de meus sentidos.

Sai SILVANO.

SILVANO: Que chamaduras de Aurora
são estas cá, meu amigo?
‘Inda temos muito dia.

CARLOS: (Aparte) Oh, céus, sem alma, respiro!

Sai AURORA. [66]

AURORA: Detém-te, Carlos, espera!

SILVANO: Aurora tem bons ouvidos.

Ai que temos carambola!

Em zelos me estou frigindo!

Fico logrado.

AURORA: Que vejo?!

SILVANO: Pois, insolente, atrevido,

tu com minha prima, e ela
contigo! Eu sou muito gírio,
não me escapa coisa alguma.
Todos aqui somos primos
ou negros.

CARLOS: Senhor, agora,
somente estava impedindo
que Aurora com Alexandre
se casasse, pois contigo
logrará melhor ventura.

SILVANO: Boa desculpa! Isto é brinco!
E toda essa diligência
não se faz senão com gritos?
Velhaco! Pede o guloso
para o desejoso.

CARLOS: Indigno
é de ti tal pensamento.

SILVANO: Pois é asneira o que digo,
vendo tantas gritarias
embrulhadas em carinhos? [66v]

CARLOS: Senhor, em mim que observaste?

SILVANO: ‘Inda mais? Era preciso
que vos achasse abraçados?
Pois que tal é o menino?!

AURORA: Que dizeis?

SILVANO: E vós também...
Sonsinha...

AURORA: Falais comigo?

SILVANO: Fala o esposo com a esposa,

como à mulher o marido,
e muito melhor seria
estareis posta ao cantinho
da câmara remendando
os calções de vosso tio,
e ‘inda os meus, que estar aqui
com desdéns e com pontinhos
de políticas amantes.

CARLOS: Senhor...

SILVANO: Tens mui pouco siso.

Vai-te embora já depressa.

CARLOS: Se de mim tens...

SILVANO: Tenho dito.

Loucuras quero emendá-las,

e com vilões não me sirvo.

CARLOS: (Aparte) Irei chorar infortúnios,
se isto quer meu fado esquivo. (Vai-se.)

SILVANO: Não entreis mais nesta casa! [67]

AURORA: Tão ousado e néscio estilo
não me ofende, porque estais
muito incapaz do delito.

SILVANO: Mas sou capaz de ensinar-vos...

AURORA: Vede que falais comigo...

SILVANO: Pois fale, e então ouvirá.

Cuida que não tenho brio

para saber responder-lhe?

AURORA: (Aparte) Bem responde ao que lhe digo.

SILVANO: Ela pica-se, pois eu,
se quero, também me pico.

AURORA: É melhor não vos ouvir,
porque sois inadvertido.

SILVANO: Isso sim, se quer sabê-lo,
espere e verá.

Sai LEOPOLDO, TARTUFO e alguns criados.

LEOPOLDO: Que é isto?

TARTUFO: (Aparte) Meu amo com todos ralha.

AURORA: Discrições de vosso filho,
pois de perder-me o respeito
parece que fez capricho. (Vai-se.)

LEOPOLDO: Que escuto? Nescio insolente!

SILVANO: Esses nomes são bonitos,
mas eu chamo-me Silvano.

LEOPOLDO: Cala-te, louco atrevido!

Perdes a minha sobrinha [67v]

o respeito!

SILVANO: Não consinto

nesse grande testemunho.

Eu morra afogado em vinho

se o perdi, nem dos meus olhos

esse respeito foi visto.

LEOPOLDO: Como não?

SILVANO: Ora examine

a algibeira do vestido

e veja se o tenho cá.

TARTUFO: (Aparte) Sempre tem forte juízo!

LEOPOLDO: É possível que Silvano

tenha o meu sangue?

SILVANO: Não minto,
apalpe-me, se quiser.

LEOPOLDO: (Para os criados) Chame-se Carlos.

SILVANO: Fugindo
se foi daqui ‘inda há pouco.

LEOPOLDO: Que escuto? Por que motivo?

SILVANO: Eu achei-o com Aurora
falando mil desvarios,
e como ralhei com ele,
foi-se logo escapulindo.

LEOPOLDO: Com pressa seja buscado, [68]
pois mais a Carlos estimo
por seu valor, sendo humilde,
que sem-razão um meu filho.

SILVANO: Eu tenho muita razão,
porque ele gritava rijo,
quando Aurora vinha entrando.

TARTUFO: (Aparte) Não me posso ter com riso!

LEOPOLDO: Como o céu assim o ordena,
para evitar um ludíbrio,
chame-se logo Roberto,
que esta noite determino
deixar Aurora casada
e que para o agreste sítio,
com prontidão, também seja
este néscio conduzido.

SILVANO: Eu sou néscio?

LEOPOLDO: Assim o vejo.

SILVANO: Mas eu não me capacito.

LEOPOLDO: De ser meu filho te julgo
tão incapaz como indigno. (Vai-se.)

SILVANO: Quem é mais néscio, o jumento
ou quem lhe deu com o princípio?
Não o sei, mas quem o fez
eu por mais asno acredito.

TARTUFO: Senhor, não diga loucuras.

SILVANO: Conselhos não quero ouvi-los,
e tu vai calando a boca, [68v]
pois não és aquele bicho
que me pode meter medo.

TARTUFO: Sou muito seu criadinho.

SILVANO: Hei-de me ir deste palácio,
donde me matam de fome
com manjares esquisitos,
sem dar-me um dia uma açorda
nem provar gota de vinho.
Vai-me buscar um tinteiro!

TARTUFO: Para que efeito?

SILVANO: É preciso,
e traze também papel.

TARTUFO: Vou buscá-lo rebulindo. (Vai-se.)

SILVANO: À minha mãe prontamente
quero fazer queixa disto,
e que me tenha esta noite
a forçura de um cabrito
preparada para a ceia,
e verão se me despico.

Sai TARTUFO com papel e tinteiro.

TARTUFO: Aqui está. Porém, bufete não temos por este sítio.

Venha escrever ao seu quarto.

SILVANO: Há manha para supri-lo.

(A um criado) Vem tu cá!

CRIADO: Que me ordenais?

SILVANO: Serás bufete postiço. [69]

Põe-te a jeito. Escreve agora nas suas costas o escrito.

TARTUFO: E faz-me seu secretário?!

Ao menos já tenho ofício!

CRIADO: Senhor, veja que não posso, para bufete não sirvo.

SILVANO: Não escreves?

TARTUFO: Já escrevo.

SILVANO: Põe o que fores ouvindo.

«Minha mãe, já são com esta duas que tenho escrito».

TARTUFO: «Escrito».

SILVANO: Já pusestes?

TARTUFO: Está posto.

SILVANO: Ouve.

TARTUFO: Prossigo.

SILVANO: «Porém, só resposta de uma é que tenho recebido».

TARTUFO: «Recebido».

SILVANO: Há maior burro!

Que fazes néscio?

TARTUFO: Repito.

SILVANO: Não repitas tão de manso,
escreve-lhe mais de rijo,
porque ela é surda e não há-de
poder certamente ouvi-lo.

TARTUFO: Pois não há-de ler a carta? [69v]

SILVANO: Não ouve se não lhe grito.

(Alto) «Eu lá irei esta noite».

TARTUFO: (Alto) «Noite».

SILVANO: «E sem ter descaminho,
para amanhã me responda».

TARTUFO: «Responda».

SILVANO: Vai um prodígio.

Vês, toleirão? Para surdos
é este o melhor estilo.

TARTUFO: Farei tudo o que mandar.

SILVANO: Só lhe falta o sobrescrito.

CRIADO: Há calote semelhante?

Tenho o pescoço encolhido!

SILVANO: Quê? Levantas a cabeça?

Pareces muito espertinho!

Tu queres ver o que escrevo?

TARTUFO: Pois ele não tem ouvidos?

SILVANO: Se não vê o que se escreve,
não é de importância ouvi-lo.

Esconde bem essa carta.

Ora vejam como é fino!

Queria ver o selvagem!

Parece muito atrevido!

TARTUFO: Não ouve? Seu pai o chama.

SILVANO: Primeiro, acabemos isto.

Sai ROBERTO.

ROBERTO: Mortal venho a grande culpa. [70]

Aos olhos me representa
que não pode haver castigo
próprio da horrorosa ofensa.

SILVANO: Roberto, a que vens? Mal sabes
o quanto folgo que venhas.

ROBERTO: (Aparte) Ai de mim! Venho chorar
a culpa que, sendo alheia,
fará, pela atrocidade,
cair sobre mim a pena.

SILVANO: Para a quinta hoje me mandam.

ROBERTO: (Aparte) Sem dúvida, já certeza
têm da causa que em meu peito
a infausta dor alimenta.

SILVANO: Para trás outra vez torna,
vai para a quinta depressa!

ROBERTO: Por que causa hei-de voltar?

TARTUFO: (Aparte) Deixem, que temos asneira.

SILVANO: Hei-de mandar uma carta,
feita com toda a clareza,
para que saibas o caso.

TARTUFO: (Aparte) Sim, a carta está bem feita!

ROBERTO: E não mo podeis contar?

SILVANO⁴: Isso parece teima!

Se ele já está na carta,
como te hei-de expor a arenga?
Vai-te! Lá podes sabê-lo,
porque agora não me lembra. [70v]

TARTUFO: Senhor, não vê?

SILVANO: Que hei-de ver?

TARTUFO: A comitiva opulenta
de damas e cavalheiros
que, para ostentar grandeza,
a seu pai acompanhando
vem fazer brilhante a festa
nas bodas de sua prima.

SILVANO: Que te importa a ti quem entra
nem que a prima se despose?

ROBERTO: (Aparte) O meu temor se acrescenta.
Com quem se desposa Aurora?

SILVANO: Com Alexandre, um pateta
que comigo e com meu pai
nestas bodas se aparenta.

ROBERTO: (Aparte) Presumo que o duque soube
do delito... Ímpias estrelas!

**Toca a música, e vêm saindo LEOPOLDO, ALEXANDRE, AURORA,
FELIZARDA, ESMERALDA e acompanhamento.**

LEOPOLDO: Ferrara pomposamente

⁴ No original: Tart.

nos júbilos manifesta
o gosto com que este laço
dos dois consortes aceita!

AURORA: (Aparte) Cada passo é um punhal,
cada palavra uma flecha. [71]

Quem em séculos agora
trocar instantes pudera!

ALEXANDRE: (Aparte) ‘Inda não creio a fortuna,
estando já perto dela.

FELIZARDA: Ver de outra o bem que esperava
faz mais sensível a perda.

LEOPOLDO: Não é Roberto o que vejo?

ROBERTO: Eu, senhor...

LEOPOLDO: Porque não chegas?

ROBERTO: Porque o perdão de uma culpa
receio que desmereça,
mas o não ter sido minha
vos obrigue a usar clemência.

LEOPOLDO: De quem foi?

ROBERTO: De minha esposa.

LEOPOLDO: O delito manifesta.

ROBERTO: A consorte, persuadida
de uma ambição louca e cega,
pretendendo dar ao filho
sorte de mais opulência,
fez no berço a indigna troca
de que eu sabedor não era.
Hoje, de um mal assaltada,
que a vida lhe faz incerta,

e temendo pelo encargo
desta culpa as consequências,
entre os sustos e os remorsos, [71v]
me declara a acção perversa.

Eu, cheio daquele susto
a que uma culpa sujeita,
confuso não me atrevia
chegar à tua presença.

LEOPOLDO: Que dizes, Roberto? Acaba
de explicar-te!

TARTUFO: (Aparte) Estou pateta!

AURORA: (Aparte) Que escuto?!

ROBERTO: Senhor, teu filho
é Carlos; assim protesta
minha esposa, e que a Silvano
por meu filho reconheça.

SILVANO: Olhem com que vejo agora!

Selvagem, valha-te a breca!

Tu não reparas que tanto
eles todos e mais elas
não te hão-de dar por dizê-lo
como eu por calar te dera.

AURORA: (Aparte) O céu, compassivo, envia
o remédio à minha pena.

LEOPOLDO: De ter Carlos o meu sangue
via em minha alma suspeitas.

Donde está?

ROBERTO: Desesperado,
formando sentidas queixas,

deste palácio saía, [72]

e eu o suspendi.

LEOPOLDO: Com pressa,
seja chamado.

Sai CARLOS.

CARLOS: É inútil,
senhor, essa diligência,
pois, humilhado a teus pés,
as tuas ordens espera.

LEOPOLDO: Não, filho, vem a meus braços.

CARLOS: De filho me dás o nome?

LEOPOLDO: Sim, Carlos.

ESMERALDA: (Aparte) Como se alegra!

LEOPOLDO: Esta notícia me dão

a tempo, que a minha ideia

‘inda mais do que o castigo

o seu prémio lhe aparelha.

Não estranheis, Alexandre,

que nova mudança tenha

o intento, pois com meu filho

não podeis ter competência,

mas para emendar, em parte,

neste lance a vossa queixa,

e não faltar à palavra,

satisfazendo a promessa,

Felizarda a mão de esposa

gratamente vos entrega.

FELIZARDA: Alcanço a felicidade [72v]

que a esperança me fez certa.

ALEXANDRE: Como o vosso arbítrio é justo,

minha alma o favor aceita. (Dão as mãos.)

LEOPOLDO: Carlos dê a mão a Aurora.

CARLOS: E a minha alma lhe dou nela.

AURORA: Faz a ventura que alcanço
meu gosto correspondência. (Dão as mãos.)

SILVANO: E a mim que me comam lobos,
já pelos matos da aldeia.

Por isso, estes dois se amavam,
mas eu não lhe tenho inveja.

LEOPOLDO: Já Esmeralda não queres?

SILVANO: É muito esquiva e mui feia,
e não quero para esposa
quem tenha o nome de pedra.

TARTUFO: Aquilo que alguns não querem
não falta quem o aproveita.

ESMERALDA: Meu Tartufo, dá-me a mão.

TARTUFO: A mão, os braços, as pernas. (Dão as mãos.)

AURORA: E aqui, com ditoso exemplo,
a todos se manifesta
que ‘inda da força do ensino...

TODOS: Não se vence a natureza.

FIM